

NECROLOGIO
DA
PROVINCIA BRASILEIRA
C. M. F.



50 ANIVERSÁRIO
DA CHEGADA AO BRASIL

O NOSSO NECROLÓGIO

Aprovando a iniciativa dos que reuniram em místico ramallete as necrologias dos nossos Irmãos de Congregação, no Brasil, que «nos precederam com o sinal da fé», arquivamo-las neste número extraordinário do Boletim Oficial, como lembrança das festas jubilares da Província.

Estas páginas serão como uma prolongação de sua atuação no meio de nós; um legado precioso de sua vida santa que nos incitará a seguir-lhes seus exemplos; o perfume de suas virtudes a santificar nossas comunidades; o eco de suas existências compendiadas na trilogia de São Paulo: **Pie, juste et sobre;** o aceno que, desde a Congregação triunfante, dirigem a todos nós, pois «desfeita sua morada terrena, já adquiriram uma eterna mansão no céu».

E como, lendo a vida dos santos, se aprende a viver santamente, ao contemplar os Padres, Estudantes e Irmãos que já cantam o hino eterno de júbilo, bem junto do trono do Coração de Maria, aprenderemos a copiar seus exemplos edificantes, enquanto peregrinamos no reino da graça que, um dia, certamente se mudará em reino de glória si, como eles, morrermos nos braços da Congregação querida.

P. Raimundo Pujol, C. M. F.
Sup. Prov.

São Paulo, 1 de Agosto de 1945.

Necrológio Elaborado por ocasião do Cinquentenário da Província Claretiana do Brasil

Irmão MANUEL LOURENÇO FONSECA

(Faleceu no dia 20/11/1908 em Pouso Alegre /Minas Gerais/ com 41 anos)

Costumam dizer os historiadores que as primícias de uma corporação religiosa se compõe geralmente de almas escolhidas e, particularmente gratas aos olhares de Deus. Desta lei geral, não se eximiu a nossa muito amada Província.

Quem nunca ouviu falar do Irmão Manuel Fonseca, proposto no “Íris de Paz” de 1924 e na “Obra Apostólica”, entre os santos da nossa Congregação?

Já em vida era tido pelos fiéis da nossa igreja de Pouso Alegre, por verdadeiro santo e como tal, se encomendavam as suas orações para o acerto nos negócios.

E na verdade, aquele Irmão que durante os dias úteis se multiplica em todas as partes: na cozinha, na horta, na sacristia, na portaria, tendo o em mira, sempre, o bem da Congregação, edificava a todos com sua piedade à qual dedicava longas horas, nos dias festivos, rezando numa posição devota e recolhida, a Coroa das doze estrelas, o terço e as visitas ao Santíssimo Sacramento.

Dessa piedade sólida, caracterizada pelo amor filial ao Puríssimo Coração

de Nossa Mãe Santíssima, brotava aquela sua obediência cega aos Superiores, sintetizada nestas suas palavras: “Eu faço o que me mandam e isso é o melhor”. E se algumas vezes se lhe dizia que descansasse, respondia com doçura: “Depois, Padre, depois”.

Curta, no entanto, foi a sua vida religiosa. Conhecendo os perigos do mundo e fiel ao seu pensamento de aperfeiçoar a sua alma e facilitar assim a sua eterna salvação, como ele mesmo deixou escrito, bateu às portas da nossa Congregação aos 34 anos de idade. Poucos meses depois da sua profissão, foi enviado à Quase Província Argentina - Brasil. Para o Irmão Fonseca, nada haveria de dificultoso, pois quanto aos costumes, as Santas Constituições são as mesmas em toda a parte; quanto ao idioma, a língua portuguesa é a mesma no Brasil e em Cabreira (Diocese de Guarda) de Portugal, sua terra natal.

Teve a morte de um santo. Durante a sua doença, foi visitado pelo Vigário Geral Mons. João de Almeida Ferrão, que pediu licença para fazer-lhe uma visita e dar-lhe um abraço. Foi chorado por todos os Pouso-Alegrenses, pois todos o conheciam e o veneravam por sua modéstia e piedade.

(A.C., 1909, pág. 15.)

Irmão JAIME ROVIRA SOLÉ

(Faleceu no dia 2/12/1908 em São Salvador /Bahia/ com 31 anos.)

Veio ao Brasil na Primeira Expedição de 1895. Este dado, por si só, parece que é todo um elogio para o Irmão Rovira. Contava 17 anos apenas quando fez a sua Profissão Religiosa no dia célebre de 15 de Agosto de 1894.

Não era extraordinária a sua aptidão para os ofícios domésticos, mas como era muito trabalhador e muito submisso, os Superiores sempre puderam depositar nele inteira confiança.

Era notório o esmero e a pontualidade com que sempre desempenhou os seus ofícios. Numa comunidade tão numerosa como a de São Paulo, não aconteceu, nem uma só vez, retardar-se a hora das refeições durante o tempo em que o Irmão Jaime teve ao seu cargo a cozinha. Igualmente, quando lhe foi encarregada a limpeza da casa, dava gosto vê-lo com quanta dedicação e amor limpava e lavava as vidraças, o pavimento e as habitações daquele grandioso edifício.

Destinado à recente fundação da Bahia, Nosso Senhor o chamou para gozar do prêmio prometido aos servos fiéis.

(A.C., 1909, pág. 63.)

Irmão PAULO CARLOS SALINAS

(Faleceu no dia 08/01/1910 em São Salvador /Bahia/).

Vítima de tristíssimo acidente que reduziu o seu corpo a chaga viva, mudava esta vida terrestre pela celestial, o Irmão Paulo Carlos, quando só contava 5 anos de vida religiosa. No meio dos seus sofrimentos ouvia-se lhe exclamar com fervor: “Perdão, Senhor. Meu Jesus, misericórdia.” Ao doutor que os assistia no seus agudíssimos tormentos, disse: “Doutor, que serão os tormentos do inferno em comparação do que eu padeço!”

A sua santa morte foi a recompensa de sua virtuosa vida. Deixou a profissão de negociante para entrar na Congregação. Nos tempos livres que lhe deixava o seu ofício de cozinheiro, ocupava-se em rezar o santo terço ou em assistir, desde o coro, duas ou mais missas.

O seu enterro foi concorridíssimo, vendo-se muitas pessoas derramarem copiosas lágrimas, prova do grande apreço em que tinham o Irmão.

(A.C., 1910, pág. 479.)

Padre **HILÁRIO SIMÓN AGUADO**
(Faleceu no dia 24/03/1910 em Maragogipe /Bahia/).

Ceifado na flor da idade, quando pregava na cidade de Maragogipe uma frutuosa missão, deixa aos pósteros o mais belo exemplo de total consagração aos ideais da vocação apostólica.

Contava poucos anos de sacerdócio, mas já tinha prestado frequentes e desinteressados serviços do seu santo ministério nas dioceses de Osma (Espanha), São Paulo, Campinas e Salvador.

Era natural de Murchante (Navarra).

Na sua curta passagem por São Paulo deu mostras de grande caridade e bondade com os doentes, como o demonstrou nas suas visitas à Santa Casa de Misericórdia.

(A.C., 1910, pág. 509.)

Padre RAIMUNDO TORRES VICENTE
(Faleceu no dia 01/04/1913 no Rio de Janeiro, com 38 anos.)

O noviciado da sua vida apostólica foi Portugal. Vindo depois para o Brasil, trabalhou incansavelmente em vários Estados e, especialmente, no Sul de Minas. Deu exemplos de virtude sólida na sua vida missionária. Não o amedrontavam nem os trabalhos nem as perseguições; por duas vezes ficou prostrado no leito em meio às tarefas apostólicas e em todas edificava por seu espírito de sacrifício e amor à cruz.

Era de gênio alegre e expansivo, quase folgazão, assíduo no púlpito e no confessionário.

Designado para Superior da Bahia, desenvolveu grande atividade em prol das almas. Fundou a revista “Amigo do Lar”, a Guarda de Honra e uma Biblioteca popular. Seu lema era: “Tudo por Jesus e Maria”.

Da Bahia passou também como Superior para a casa do Méier (RJ). Tinha já traçado os planos para levar adiante a empresa da construção da majestosa igreja, quando uma rebelde septicemia (Infecção Generalizada) cortou o fio de sua existência, da qual se podiam esperar ainda muitos frutos em prol da Congregação e para o bem das almas.

(A.C., 1913, pág. 122.)

Padre FRANCISCO ANGLAS BOIXADER
(Faleceu em São Salvador no dia 08/10/1913.)

Depois de cursar os estudos eclesiásticos no Seminário de Vic, entrou em nossa Congregação, sendo logo mandado para o Brasil. Em São Paulo desempenhou, à satisfação de todos, o cargo de Ministro; foi depois para a Bahia, e antes de entregar-se ao ministério das missões, para o qual tinha notáveis aptidões, surpreendeu-o a morte.

Pregando no asilo dos pobres, afervorou-se tanto, que ofereceu a sua vida pelas almas. Passados alguns dias, achando-se indisposto, pediu confissão como para morrer e se pôs de cama. Na manhã seguinte, estava melhor e até pode celebrar. Mas imagine-se o espanto da comunidade, quando no dia 8 pela manhã, encontraram-no já sem vida. Não teria sido agradável aos olhos de Deus aquele oferecimento da sua vida pela salvação das almas?

(A.C., 1914, pág. 122.)

Padre ISIDORO HIERRO OCTÁVIO
(Faleceu em Belmonte /Bahia/ no dia 13/11/1913, com 28 anos)

O Padre Hierro não era uma alma vulgar. Era um missionário completo. Alto de estatura, presença atraente, maneiras finas, voz potente e sonora. Nenhum conhecimento julgava ele de pouca importância. Até um pouco de desenho sabia, e, em caso dado, podia desempenhar muito bem o papel de organista. Dois anos apenas viveu no Brasil, e já podia ser professor de português.

Em toda a sua vida procurou com sumo interesse a direção espiritual. Do seu aproveitamento falam mui alto estas linhas escritas ao seu diretor: “As penitências (que faço) são ordinárias. O voto (sub levi) de não cometer faltas deliberadas continuo-o na mesma forma que quando estava com V. Rvma., notando tal facilidade em abster-me delas e tal fervor, que sinto vontade de dar um passo mais, fazendo voto de praticar o mais perfeito”. Teve morte semelhante à de São Francisco Xavier. Ao pregar umas santas missões no Sul da Bahia, sentiu-se mal. Como o lugar era falto de recursos, ele e seu companheiro dirigiram-se à cidade mais próxima, distante 9 horas de canoa. Durante a viagem a febre se agravou de tal sorte, que pediu absolvição e perdeu os sentidos. Foi-lhe administrado sem demora o sacramento da Extrema Unção. Quando chegaram a Belmonte, já era cadáver.

(A.C., 1914, pág. 410.)

Padre **GERALDO PALOMERA FONT**

(Faleceu em Rio Casca /Minas Gerais/ no dia 08/03/1915, com 45 anos.)

“Missionário humilde e santo e batalhador incansável”, qualificou-o Sua Emcia. o Cardeal D. Sebastião Leme. Tinha um coração tão afetuoso e singelo que muito bem lhe cabia o nome de Palomera, disse também dele, Sua Emcia. o Cardeal D. Joaquim Arcoverde.

O Padre Geraldo Palomera nasceu em Gombreny, povoação da diocese de Vic, aos 20 de Janeiro de 1870. Iniciou sua vida eclesiástica no Seminário, entrando depois no Colégio Noviciado de Cervera, onde professou no dia 15 de Agosto de 1889. Foi um dos fundadores da Casa de Rio Seco (Espanha). De lá, a mando do Rvmo. Padre José Xifré, dirigiu-se para o Brasil, na primeira expedição de 1895, sob a chefia do Rvmo. Padre Raimundo Genover. Nas suas intermináveis excursões apostólicas, pelos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas, Santa Catarina e Rio de Janeiro, era o Missionário santo, como o chamavam em muitos lugares, de uma eloquência de recursos tão originais que atraía multidões de fiéis a ouvir as suas palavras.

Para o fruto das missões rezava durante a viagem o santo terço, e não podendo visitar o Santíssimo Sacramento, tomava com fé os corporais e, com eles nas mãos, dava largas ao seu amor ao Jesus Sacramentado, na persuasão de que alguma partícula consagrada teria ficado depois do santo sacrifício.

Se nas missões o povo se mostrava frio, saía pelas ruas, rezando, cantando e organizando procissões de crianças para atrair os fiéis; outras vezes, inventava certas consultas e mil outros meios que o seu engenho singular lhe

sugeria.

Era muito solícito de tudo o que levava o selo da Congregação. Não tem conta os sacrifícios e cansaços tantas vezes suportados para recolher, em casa, esmolas para a construção dos nossos templos de São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro. Esse mesmo espírito o levou a propagar a “**Ave Maria**”, recomendando-a até nos sermões para fomentar o espírito de piedade nas famílias.

Exerceu o superiorato nas casas de Pouso Alegre e Rio de Janeiro (Méier), e foi fundador das Casas de Curitiba e Porto Alegre.

Pregava na extensa paróquia de Rio-Casca, frutuosa missão, quando, a despeito de todos os cuidados, veio a falecer santamente, apertando em sua mão direita o Crucifixo de Missões e na sua esquerda o terço e uma estampa do Coração de Maria. O enterro foi soleníssimo e o seu corpo foi depositado num belo e rico sepulcro, dádiva generosa dos católicos do lugar.

(A.C.,1915,pág.240.)

Padre JOSÉ TORRENTA PERACAUULA

(Faleceu em Ventura /Bahia/ no dia 12/10/1916, com 35 anos)

Foi outro missionário que terminou a sua vida em pleno exercício do ministério apostólico. Dava umas santas missões em Ventura, no Estado da Bahia, quando uma erisipela, rebelde aos recursos da medicina, o levou ao sepulcro, em quatro dias apenas. O seu corpo descansa em Morro do Chapéu, na Capela da Piedade, distante cinco léguas de Ventura.

Veio ao Brasil logo depois de sua ordenação e com tanto afinco tomou o estudo da língua portuguesa que no mesmo mês de sua chegada estreava sua primeira prática em português. Na casa da Bahia residiu seis anos incompletos, mas bem aproveitados. Percorreu ainda, em santas missões, os Estados de São Paulo, Ceará e Piauí.

(A.C., 1918, pág. 584.)

Padre DANIEL DOMINGO PUJOL
(Faleceu em Porto Alegre no dia 15/11/1918, com 29 anos.)

O ano de 1918 será para a nossa Província Brasileira de triste e gloriosa recordação. Em menos de um mês, perdeu quatro de seus membros, vítimas da “gripe” epidêmica: PP. Daniel Domingo Pujol, Francisco Perez, José Bengoechea e Irmão Bernado Alamán. Sacrificaram as suas vidas no holocausto da caridade mais heróica, pois contraíram a doença quando prestavam seus socorros aos atacados da terrível epidemia.

O Padre Daniel Domingo Pujol distinguiu-se como catequista, na igreja das Dores, de Porto Alegre. Quando seminarista, já se mostrou inclinado a esta classe de ministérios, para o qual se preparou armazenando apontamentos referentes à organização e desenvolvimento dos catecismos para as crianças. Da sua habilidade para as obras manuais e mecânicas, principalmente para os trabalhos de carpintaria, valia-se para fazer capelinhas, quadros, terços e outros objetos que serviam de prêmios para os alunos.

No leito de morte, um Padre que o assistia, disse-lhe que tivesse confiança, pois era Filho do Imaculado Coração de Maria. Ele respondeu que o tinha muito presente. Pediu depois um quadro do Coração de Maria e ao imprimir-lhe um fervoroso ósculo, entregou o seu espírito ao Criador.

(A.C., 1919, pág. 109.)

Irmão BERNARDO ALAMAN GAMBOA

(Faleceu no dia 17/11/1918 em São Paulo, com 41 anos.)

Dois dias após o falecimento do Padre Daniel Domingo, circulava pelas nossas Casas a notícia da morte do Irmão Bernardo Alaman. Sem perigo de exagero foi um dos Irmãos que podem ser postos como modelos de observância das Santas Constituições. A sua laboriosidade era notória, pois nos diversos ofícios que desempenhou foi visto praticando-a em grau nada comum.

Das suas belas virtudes, duas se tornaram mais notáveis: a piedade e a humildade. Para fomentar a primeira fazia muitas devotas visitas a Jesus Sacramentado e ao Puríssimo Coração de Maria; ouvia todas as missas que podia, não deixava o terço de suas mãos e na tribuna foi visto muitas vezes rezar devotamente as suas devoções particulares. Para o cultivo da humildade evitava todo o louvor e ostentação. Exerceu durante dez anos o ofício de organista do nosso Santuário, realçando com impecável exatidão a música sacra nas funções religiosas; mas era tal a sua modéstia que ninguém teria dito que, sob aquelas humildes aparências, se encerrava uma alma de artista.

Servindo como enfermeiro aos primeiros da Comunidade, contagiados da gripe, contraiu também ele a doença. Depois de recebidos os últimos Sacramentos e estando já delirando, pediu o livro das Santas Constituições sobre o qual imprimiu muitos e repetidos beijos, especialmente na página que contém a fórmula da profissão.

(A.C., 1919, pág. 62.)

Padre FRANCISCO PERES OCHOA
(Faleceu no dia 22/11/1918 em São Paulo, com 42 anos.)

Foi o Padre Peres desde os tempos de seminarista, sempre estimadíssimo dos companheiros e superiores, pois era leal, sincero e de bom caráter. Ordenado sacerdote, passou a fundar a Casa-Colégio de Fraga, em Portugal, e foi ali, onde por espaço de sete anos, se entregou em cheio aos ministérios apostólicos, com grande zelo e fruto das almas.

Veio, porém, a República em Portugal com ela, teve de voltar à Espanha. Após ano e meio de permanência em Ciudad Rodrigo, os superiores destinaram-no ao Brasil, nomeando-o pouco depois. 1º Consultor Quase-Provincial e, nas eleições realizadas quatro meses mais tarde, foi eleito Superior da Casa de São Paulo. Por espaço de dois triênios, até a sua morte, desempenhou esses dois cargos à satisfação de todos.

Chegou a hora da maior prova e do maior heroísmo. Aparece a desastrosa epidemia que mata sem piedade. Ao chamamento do Sr. Arcebispo, D. Duarte, apresentam-se os nossos e se colocam no Hospital da Imigração para atender a mais de mil doentes ali recolhidos. O Padre Peres, durante doze dias, prodigalizou remédios, ouviu confissões, ungiu doentes e consolou a todos. Mas no final, caiu ele também, e como os esforços de três médicos afamados nada conseguiram, pediu os últimos sacramentos, recebendo-os com imenso fervor e júbilo de sua alma. Com o santo crucifixo nas mãos e com a imagem de N. S. Aparecida sobre o coração, responde às jaculatórias que lhe são sugeridas, e, nestas santas disposições, exala o último suspiro. A notícia de sua morte produziu, tanto em casa como na cidade, a mais profunda

consternação. O Sr. Arcebispo foi o primeiro que se apresentou para dar os pêsames e o Governo se ofereceu a custear os funerais por conta do Estado. As exéquias revestiram-se do maior esplendor, sendo celebrante o Sr. Arcebispo e assistindo o representante do Presidente de São Paulo, vários Ministros do Governo, o Prefeito Municipal e uma imensa multidão que enchia completamente o templo.

(A.C., 1919, pág. 74.)

Padre JOSÉ BENGOCHEA ORCITZI
(Faleceu no dia 9/12/1918 em São José do Paraíso /Minas Gerais/,
com 41 anos)

A quarta e última vítima da gripe epidêmica foi o Padre José Bengoechea, companheiro de trabalho do Padre Peres, em Portugal. Tendo regressado à Espanha, expôs ao Rvmo. Padre M. Alsina os seus ardentes desejos de viver em nossa terra, aqui chegou em 1911 com toda a bagagem de seus dotes ministeriais.

Conhecedor da língua, não demorou a lançar-se no mar a dentro, no ministério da pregação, principalmente na Atenas Paulista e na diocese pouso-alegrense. Sua vida em Pouso Alegre foi vertiginosa, pois, durante algum tempo, foi a corda prima nos trabalhos apostólicos. Missões, retiros, visitas pastorais, pregações de todo o gênero caíam como flocos de neve sobre o Padre José, que os recebia de bom humor e de braços abertos e os desempenhava com dignidade e zelo, deixando em toda a parte, estima e apreço.

Para São José do Paraíso, partiu no dia 16 de Novembro de 1918, a petição do Sr. Bispo, que durante a crise epidêmica, se viu de repente desprovido de sacerdotes para atender os moribundos, em transe tão perigoso. No dia 8 de Dezembro, porém, os Padres da Comunidade viram-se surpreendidos por um telegrama, concebido nestes termos: “Padre José em agonia”.

Imediatamente, um Padre empreendeu a viagem para prestar-lhe os últimos auxílios, mas ao chegar teve de resignar-se ante o cadáver do Padre José, falecido três horas antes e depois de ter recebido o Viático e a Extrema-

Unção. Na sua doença foi assistido constantemente por uma Irmã do Hospital onde estava internado.

(A.C., Vol. 17, pág. 104.)

Irmão FRANCISCO RUA MOREIRA

(Faleceu no dia 11/03/1923 em São Paulo, com 23 anos.)

O Irmão Francisco Rua Moreira nasceu em Portugal e iniciou os seus estudos no Colégio Apostólico de Segóvia, anelando (Desejando) salvar as almas e glorificar o Coração de Maria, como sacerdote missionário. Quando já muito adiantado na carreira, houve de desistir por falta de saúde, passando à categoria de irmão Coadjutor. Após alguns anos de permanência em Tenerife, como que seguindo a rota do Venerável Padre Anchieta, veio ao Brasil, residindo sempre em São Paulo, onde o bom Irmão Francisco, além de religioso humilde e observante, mostrou belas qualidades de organista do Santuário e diretor da Escola Noturna.

(A.C., 1924, pág. 370.)

Irmão JOSÉ ESTEVES CORDEIRO

(Faleceu no dia 29/12/1925 em Santos, com 35 anos.)

Era natural de Alfaiates (Portugal). Dócil à voz da Sma. Virgem que o chamava a militar sob a bandeira do seu Imaculado Coração ingressou, ainda menino, no o Colégio Apostólico de Segóvia. Terminando o ano de retórica em Valmaseda, pediu para passar ao noviciado de Segóvia como Irmão Coadjutor, temendo, na sua humildade, não poder continuar os estudos superiores. Dentre os ofícios domésticos, distinguiu-se especialmente no de alfaiate, cargo que chegou a desempenhar com perfeição.

Em 1911 veio ao Brasil, sendo Curitiba o seu primeiro destino, onde permaneceu quatorze anos, servindo, com aplauso da Comunidade, em todos os ofícios a ele confiados. Tinha em seu coração, muito enraizado e firme, o amor à vocação. Destinado a Santos, para ver se melhorava a saúde, um tanto abalada, o Senhor o chamou à eterna recompensa, depois de ter sofrido com grande resignação as dores agudíssimas que o afligiam.

Ao cientificar-se que lhe faltavam poucas horas de vida, abraçou-se satisfeito com a cruz, chave preciosa que abre as portas do céu. Nos seus últimos instantes, pode repetir as consoladoras palavras de uma alma santa: “Nunca pensei que fosse tão doce o morrer”.

Depois de ter recebido os últimos sacramentos e a indulgência plenária, seu rosto se encheu de transparente claridade e de alegria suavíssima e não podendo conter o júbilo que inundava a sua alma, convidava os que assistiam à cena tão encantadora a subirem com ele ao céu.

(A.C., 1926, pág. 859.)

Padre **JORGE HERRANZ CASTRO**
(Faleceu no dia 13/07/1923 em São Salvador /Bahia/, com 49 anos.)

Dos 18 anos que viveu no Brasil, doze passou os na Bahia. Nessa casa ocupou o cargo de Superior no triênio 1913-16.

Se das virtudes que praticou, quisermos fazer menção especial das mais notórias somente teremos de ressaltar o silêncio e a caridade.

Era bem notória sua predileção pelo retiro da cela. Nas horas de silêncio não ficava perdendo o tempo na biblioteca e corredores. Assim se explica o grande armazenamento de materiais que possuía, sobretudo no gênero de pregação. Para o exercício da caridade, deixou nos seus apontamentos espirituais este propósito, repetido durante vários anos: “Porei sumo cuidado em nunca falar mal de ninguém”; e ainda este outro: “Não me ocuparei das coisas dos outros, mas somente de servir a Deus”.

(A.C., 1927, Pág. 174.)

Irmão CÂNDIDO SANZ JUBERO

(Faleceu no dia 17/12/1926 em São Paulo, com 41 anos.)

Pisou em terras brasileiras em 1899, era integrante da segunda leva de Missionários destinados à nossa Província. Ocupou vários cargos próprios dos irmãos coadjuutores em São Paulo, Curitiba, Campinas e Rio de Janeiro.

O seu último destino foi Curitiba. Nos princípios da fundação dessa casa distinguiu-se especialmente como vigilante e guarda noturno, contra vizinhos perigosos e também armados que tratavam de assaltar a horta e, talvez, a casa como mostraram prendendo e maltratando o guarda que tinham antes os Missionários. Foi também hortelão diligente e cuidadoso, observando com tino os tempos e as espécies de hortaliças e de árvores mais convenientes à região do Paraná. Era notável sua atividade no exercício de seus cargos, e em meio àquela agitação exterior sabia, entretanto, elevar frequentemente o coração a Deus e ao Coração Maria.

No hospital de Santa Catarina, de São Paulo, entregou a sua alma a Deus, quando ia ser submetido a melindrosa operação.

(A.C., 1927, pág. 224.)

Padre **MARIANO SERRENES GARCIA**
(Faleceu no dia 8/03/1927 em São Paulo, com 55 anos.)

Era o Padre Serrenes de natureza robusta e de temperamento nervoso, quase automático. Para domá-lo pronta e eficazmente buscou o carinho sempre filial e sempre apaixonado à Nossa Mãe Santíssima.

O Coração de Maria era o princípio, o meio e o fim de todo o seu aproveitamento espiritual. Por isto diz num dos seus apontamentos: “Acolhi-me sob o manto de minha Mãe para aprender a obedecer, para aprender a orar e para triunfar sobre o inimigo. Quando me vier alguma tentação, sobretudo contra a pureza, imaginarei que o demônio me dá uma espada para atravessar de um golpe o Coração de Maria, minha doce Mãe, e o de Jesus seu filho, que tem nos braços; tomá-la-ei indignado e descarregarei o golpe sobre a cabeça do diabo dividindo-o em dois pedaços, com uma pronta resistência, e acudindo às minhas doces delícias, Jesus e Maria”.

No princípio das ações costumava cantar a intenção com esta bela jaculatória: **“Propter te, Mater; benedic me”**. Era tão notório seu amor constante, entusiasta, sacrificado por N. Senhora, que para todos os membros desta Província, dizer Padre Serrenes equivale a recordar um modelo de amor filial à SSma. Virgem.

Morreu com a doce expressão: “Minha Mãe, levai-me”, em que esteve prorrompendo até um minuto antes de morrer.

(A.C., 1927, pág. 334.)

Bispo FRANCISCO OZAMIS CORTA

(Faleceu no 26/11/1929 em São Paulo, com 55 anos.)

Veio ao Brasil em junho de 1900, onde ocupou o cargo de 1º Superior em Campinas, Rio de Janeiro e São Paulo; foi consultor do Governo da Província de 1924 a 1926, quando a Santa Sé, em face das suas excepcionais qualidades de caráter e de coração, distinguiu-o com a dignidade de Administrador Apostólico da Prelazia de São José do Alto Tocantins, e ainda, no ano seguinte, com o mesmo cargo para Ilha do Bananal.

Sendo Superior da casa de São Paulo, tomou a direção da “Ave Maria” e em Campinas agrupou na “ Academia de São Miguel ” tudo o que naquela cidade significava intelectualidade e cultura. Em Belo Horizonte foi o principal propulsor do “ Instituto Claret “. Era sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Minas. Como escritor deixou as seguintes obras: “Bandeirantes da Empresa”, “Princípios da Educação”, “Modernos e não modernistas” e “A paz do Papa”.

Fundou as revistas: “A Verdade”, em Campinas; “Lourdes”, em Belo Horizonte; “A Paz”, no Rio de Janeiro; “Estrela de Muqu’wm”, em Goiás. Foi o primeiro diretor dos “Anais da Província Brasileira”, os primeiros Anais provinciais a se publicarem na Congregação.

Gozava de justa nomeada na Imprensa brasileira, tanto pela fecundidade de sua pena como pela sólida erudição e pureza de linguagem.

Por ocasião de sua morte, muitos foram os Srs. Bispos que em telegramas de condolências externaram o seu apreço por Mons. Ozamis. Sirvam de amostra os seguintes dizeres, tomados textualmente de um telegrama de D. Otávio, Bispo de Pouso Alegre: “Sentidos pêsames pelo

falecimento Mons. Ozamis sacerdote muito honrado Congregação, prestando relevantes serviços Igreja Brasil”; e estes de S. Emcia. o Cardeal Dom Sebastião Leme: “Sentidos pêsames morte meu grande amigo Ozamis que tanto honrou Congregação e serviu Igreja e Brasil”.

Foi um dos membros da Província que gozou de maior prestígio e que mais alto elevou o nome dos Filhos do Coração de Maria em terras de Santa Cruz.

(A.C., 1930, pág. 629.)

Padre **VALDOMIRO CIRIZA OLANGA**
(Faleceu no 13/04/1930 em São Paulo, com 60 anos.)

Durante o terceiro ano do curso de Filosofia, abraçou o estado religioso, professando na Congregação em 1895. Três anos após a sua ordenação exerceu o superiorato em Ciudad Rodrigo, passando depois para Portugal, onde por espaço de uns dez anos exerceu o cargo de Superior e percorreu como missionário quase todo o território lusitano. Obrigado a abandonar aquele campo, em virtude das transformações políticas aportou ao Brasil 1909.

Dotado de grande zelo e de qualidade extraordinária para a oratória sagrada, aliados a uma grande prudência, foi distinguido pelos Superiores com a nomeação de Consultor da Quase-Província Brasileira no sexênio 1912-18. Foi Superior da Casa de Campinas e fundador da Casa de Ribeirão Preto, onde em menos de um ano conseguiu levantar a Casa e a igreja paroquial. Em 1924 foi nomeado, pela Santa Sé, Diretor Nacional da Obra Pontifícia de São Pedro Apóstolo para a formação do clero indígena, e, em 1929, Diretor regional da Obra da Propagação da Fé.

Missionário, anunciou a palavra de Deus e pregou com eloquência e unção evangélica em muitos Estados da Federação; religioso, primou sempre pela sua observância regular, fervor e prática das mais elevadas e austeras virtudes. Legou à Província Brasileira o tesouro de uma vida informada de inabalável confiança na Providência e de um zelo robustamente apostólico. Seu nome paira entra os mais insignes.

(A.C., 1931, pág. 488.)

Padre **LONGUIÑOS ONTAÑÓN NÚÑEZ**
(Faleceu no dia 03/05/1930 em Campinas, com 49 anos.)

Distinguiu-se durante a carreira, como um dos alunos mais talentosos entre seus numerosos discípulos. Com tão boas disposições começou sua vida apostólica em Porto Alegre, percorrendo como fúlgido meteoro, o Estado sulino em todas as direções. Passados, porém, apenas 4 anos de intenso trabalho, viu-se atacado de uma paralisia que lhe tomou todo o lado direito, deixando-o num estado de lenta agonia, por espaço de 20 anos.

Apesar disso, o Padre Longuiños pode ainda desempenhar o cargo de Superior em Santa Ana do Livramento (RS); em Guarulhos foi professor de Aritmética dos primeiros postulantes; em São Paulo dirigiu a “Ave Maria” e em Campinas, onde terminou a sua carreira mortal, exerceu durante três anos o apostolado silencioso do confessionário, que era quase sempre a cadeira de braços presenteada por um seu penitente. Era o confessor mais procurado – o confessor dos convertidos; o seu enterro concorreu enorme multidão de povo que fez questão de levar seu caixão a pé, não obstante a grande distância a percorrer. Muitos o veneravam então como um santo.

(A.C., 1930, pág. 659.)

Padre **PEDRO MANZÁRRAGA OLABARRIETA**
(Faleceu no dia 12/07/1930 em São Paulo, com 38 anos.)

Apenas recebia a sagrada ordem do presbiterato, foi destinado pela obediência a estas terras brasileiras, onde trabalhou com bom e árduo desempenho do professorado do Postulantado de Curitiba, no Escolasticado de Guarulhos, no Ginásio de Batatais e no Escolasticado de Rio Claro. Distinguiu-se ainda como artista, demonstrando habilidades para o desenho e para a música. Ainda que não fosse, nesta última arte, um mestre consumado, tocava o harmônio com regular perfeição. Foi ele o fundador e o iniciador do Coro Claretiano que, na sua pessoa, teve o seu primeiro regente.

Fulminada sua precária saúde por insidiosa enfermidade caiu de cama, tomado de profunda paralisia, ficando com meio corpo sem movimento. Impossibilitado assim de poder desdobrar, em bem das almas, as imensas energias do seu espírito, consolava-se oferecendo a Deus o lento martírio de suas penas. Passados 4 meses, a sua bela alma empreendeu o caminho da eternidade, para receber do supremo Dador de todo o bem, a recompensa prometida aos servos fiéis.

(A.C., 1931, pág. 236.)

Padre JOSÉ DOMINGO AGÜERO (Faleceu no dia 18/08/1930 em São Paulo, com 65 anos.)

Chegado ao Brasil no dia 19 de Novembro de 1895, formando a Primeira Expedição, logo se adaptou ao novo meio o seu caráter franco, que era dócil e jovial. A fama de nossos Padres estendeu-se prodigiosamente, por todas as partes, e o Padre José, como melhor preparado, foi até o remoto Estado do Ceará onde pregou com imenso fruto os exercícios espirituais ao clero daquela diocese.

Nos 35 anos que viveu entre nós ocupou quase sempre postos de certa responsabilidade e positiva relevância. Separadas as Casas do Brasil e da Argentina, foi nomeado Consultor e Secretário do novo Governo Quase-Provincial, e com estes mesmos cargos foi distinguido nos dois sexênios provinciais, presididos pelos Rvmo. PP. Raimundo Genover e Florentino Simón.

Sua ação suave e bem feitora deixou-se sentir nas Casas de São Paulo, Campinas, Porto Alegre e Guarulhos, nas quais governou como Superior, deixando em todas elas o suave odor de suas virtudes.

Onde melhor, porém, transpareceu o caráter empreendedor do Padre José, foi nas fundações de Pouso Alegre e Curitiba. Na primeira, com os entusiasmos da juventude, começou e acabou, em oito meses somente, o atual santuário dedicado à nossa excelsa Titular; na segunda, após alguns meses de permanência na então Colônia de Água Verde, desdobrou as energias, construindo a casa que hoje está situada na rua Ivaí, no perímetro urbano da capital paranaense. Era de estatura natural e nervoso de temperamento. Sua voz era clara e com seus gestos exprimia com naturalidade e facilidade as

coisas que de si eram difíceis de explicar. Em todo o seu porte exterior brilhava uma inocência quase angelical que, unida a seu modo de falar brando e suave, cativava a atenção de seus auditórios e os movia à prática das virtudes.

(A.C., 1931, pág. 202.)

Padre **PEDRO SCHWEIER BOADER**
(Faleceu em Batatais no dia 17/05/1931, com 42 anos.)

Nasceu em Haselbach, diocese de Ausgurburgo, na Alemanha. Frustrado o propósito de se fazer beneditino, ingressou no Postulantado Alemão de Cervera. Cinco anos levava de sacerdócio, quando a obediência o destinou ao Brasil, sendo logo nomeado ministro em Belo Horizonte, cargo que desempenhou durante 8 anos com a maior perfeição, pois segundo afirmou o Padre Ângelo Martin, Provincial naquela época, em suas visitas canônicas, não havia encontrado outra casa com livros de contas tão bem ordenados como os do Ministro de Belo Horizonte.

Nos dois últimos anos de permanência nessa capital, foi também professor de Teologia no Seminário. Mas onde o Padre Pedro parecia encontrar-se em seu centro era quando se encontrava no junto a criançada no catecismo da capela de Santo Antônio. Sabia dar vida florescente ao catecismo e cativar o afeto dos meninos.

De Belo Horizonte passou ao Colégio Máximo de Rio Claro e no ano seguinte a Batatais, onde veio a falecer, atacado de febre tifoide.

(A.C., 1936, pág. 180.)

Irmão FRANCISCO GIMÉNEZ ALFARO

(Faleceu no dia 07/06/1931 em Ribeirão Preto, com 48 anos.)

Aos doze anos ingressou no Colégio Apostólico dos Agostinianos, do qual saiu três anos mais tarde, ao ser fechado o estabelecimento. Poucos meses depois, pediu para entrar na Congregação, como Irmão Coadjutor. Vinte e dois anos esteve adscrito à Província de Catalunha. Depois do Capítulo Geral de 1922, veio para o Brasil, exercitando-se principalmente no ofício de sapateiro em Guarulhos e Curitiba.

Mais tarde os Superiores o destinaram à Prelazia de São José do Tocantins, quando participou dos primeiros trabalhos e privações inerentes às fundações dessa natureza. Veio depois para Ribeirão Preto. Aí desempenhou o ofício de sacristão e sentindo inclinação para a música, nos tempos livres se dedicava a tocar o harmônio. É simplesmente incalculável a quantidade e a qualidade de manuscritos musicais deixados pelo Irmão Giménez à cartoteca musical (Coleção de Cartas) de Rio Claro e Curitiba. Contam-se entre eles verdadeiras preciosidades que, em mais de uma ocasião, têm prestado bons serviços ao Coro Claretiano.

(A.C., 1932, pág. 222-224.)

irmão DANIEL ASTRAIN MUNÁRRIZ

(Faleceu no dia 23/09/1931, em Santos, com 64 anos.)

Sempre obediente à voz dos Superiores, trabalhou primeiro em Portugal e depois no Brasil, aqui passou os seus derradeiros vinte e um anos. Desde os primeiros anos seguiu as veredas da piedade e, segundo ele, mesmo declarou as suas delícias eram o trabalho e a oração.

Tinha verdadeiro nojo do descanso não necessário. A raiz donde procedia esse aborrecimento da ociosidade era o amor à Congregação, manifestado em seu espírito de conservação da roupa de uso comum. Tinha grade devoção ao nosso Santo Fundador, cuja beatificação esperava com ânsia e da qual falava com entusiasmo. Manifestava verdadeiro júbilo pelas notícias favoráveis à Congregação e tinha sumo horror aos apóstatas de nosso Instituto, com os quais não queria trato nem amizade de gênero algum. Fugia dos que davam mostras de vocação duvidosa.

(A.C., 1933, págs. 215-218.)

Senhor JOAQUIM MARTINS VAZ

(Faleceu no dia 21/04/1932 em San Domingo de la Calzada, Espanha, com 24 anos)

Na bela e industrial cidade de Santos, viu a primeira luz no dia 6 de Janeiro de 1908, esta primeira flor que a Santíssima Virgem transportou das terras do Brasil para a Congregação triunfante. Seguindo a voz de Deus, pediu e foi admitido entre os primeiros meninos que formaram o Postulando de São Paulo, trasladado alguns meses depois para Guarulhos. Coursou aí os quatros anos de ginásio e a 7 de dezembro de 1925 vestiu a batina da Congregação. Na festa de Nossa Senhora da Conceição de 1926 emitiu a sua Primeira Profissão, continuando em Guarulhos até 1929, quando o Escolasticado se trasladou para Rio Claro. Em Setembro de 1930 embarcou para a Espanha com o fim de terminar lá a carreira; no terceiro ano de Teologia, porém, a morte atalhou os passos de sua vida mortal.

Nota característica de seu espírito religioso foi sua piedade fervorosa e equânime. Era notório o convencimento com que sustentava nos recreios conversas espirituais que de seus lábios fluíam espontânea e naturalmente.

Acerca de sua caridade, escreve um seu Superior muito respeitável: Era de uma bondade tão afável, tão complacente, tão angelical, que bastava vê-lo uma única vez, para se ficar enlevado pela sua candura. Não tinha inimigos e em seu coração não havia lugar para invejas e má vontade; sua caridade era universal e desinteressada. Como prova deste amor aos seus irmãos e à Congregação, deixou escrito em seu “Diário Espiritual” este oferecimento de sua vida, feito no dia 19 de Outubro de 1925, sendo ainda postulante: “Meu Jesus, ofereço-vos minha vida em favor de todos os meus irmãos tentados a

abandonar a vocação, e para aumentar o número dos chamados à nossa Congregação e à nossa Província. Eu penso que assim como nos primeiros tempos do Cristianismo, o sangue dos mártires era semente de cristãos, assim também, de modo semelhante, a morte de um postulante, noviço ou estudante é como rica semente de vocações para nosso Instituto; e vendo, meu Jesus que a congregação pode ser grande aqui no Brasil, eu estou pronto a fazer este ato de generosidade por vosso amor. Privo-me com gosto da grande alegria e glória de ser um dos primeiros Missionários saídos desta amada Província, e prefiro ver desde o céu, nosso Postulantado cheio de vocações, a ver, sendo já Missionário, nossos colégios faltos de vocações, por não ter ninguém oferecido a sua vida para conseguí-las”.

Outra virtude característica da qual estava ornado era a pureza, verdadeiramente angelical, que obrigava quantos com ele conversavam a exclamar: é um santinho. Assim se exprimiam todos, quando entregou a Deus seu espírito. Disso a melhor prova nos dão suas mesmas palavras, pronunciadas naquele angustioso momento em que a consciência acusa a mais leve imperfeição. Perguntado pelo Padre Prefeito se tinha alguma coisa que lhe perturbasse a alma, respondeu: Não, Padre; não tenho consciência de jamais ter ofendido gravemente a Jesus. Conservou, pois intata a inocência batismal e cinge, no céu, a branca auréola de virgem.

(A.C., 1934, págs. 18-26.)

Padre TEÓFILO GUINDA ZUAGO

(Faleceu no dia 05/05/1932 em São José do Tocantins, com 53 anos.)

Falecia gloriosamente, lutando no setor típico de sua vida missionária: o Sertão.

Ele mesmo escreveu a sua necrologia, antes de morrer, da qual tomamos os seguintes dizeres: “Mais de uma vez, nesse tempo (durante a carreira), tive a ideia de passar à classe dos Irmãos Coadjuutores; mas a vontade de ser missionário e de pregar, como vira fazer aqueles fervorosos Padres de Pamplona, me obrigava a abandonar a ideia. Sempre tive grande inclinação ao trabalho e a fazer os ofícios dos Irmãos Coadjuutores. Em todos eles me tenho exercitado, sem envergonhar-me de ajudar os Irmãos em seus trabalhos, por humildes que fossem, sempre que m’os pediam, pois tudo é servir a Deus, e no serviço de Deus não há ofício humilde. . . . Chegamos ao Brasil a 23 de Junho (1906) . . . Neste novo campo, por ser muita a messe e poucos os operários, os Superiores me mandaram logo, aos dois meses, às missões. Esta primeira saída foi para mim um bom noviciado e uma boa estreia. A primeira vez que montei a cavalo, caminhei nove léguas e caí cinco vezes, pois o animal ao chegar a uma sombra se deitava no chão, e eu ia por cima de sua cabeça; graças a Deus, nunca me fez mal.

De São Paulo fui destinado a Pouso Alegre, onde preguei algumas missões; depois fui à fundação de São Carlos, que não chegou a realizar-se; voltei a São Paulo e daí a Curitiba, pela primeira vez; depois passei à Bahia, voltando, depois de pregar várias missões nos Estados do Norte, de novo a Curitiba, onde por mais de seis anos recorri várias vezes, com grandes sacrifícios e privações suas matas; de Curitiba voltei de novo às difíceis, mas

frutuosas missões de Salvador. Admitida pela Congregação a Prelazia de São José do Alto Tocantins, aqui me mandaram os Superiores, e onde tenho sofrido o que Deus sabe.”

Nesta exposição franca e humilde aparecem as características que admiraram no saudoso Padre Guinda todos os que conheceram: grande espírito de sacrifício, grande amor ao trabalho e grande amor à Congregação.

(A.C., 1932, págs. 494-496; 517-520.)

Padre **ÂNGELO MARTIN VERGARA**
(Faleceu no dia 1/02/1933 em São Paulo)

Homem dotado de um entendimento de escol e de um coração grande e generoso, desenvolveu uma atividade portentosa nos diversos campos de ação, onde a obediência o colocou.

Foi, entre os primeiros missionários destinados ao Brasil, um dos que mais se distinguiram em aprender a língua portuguesa, tendo sido por isso mesmo um dos pregadores mais solicitados por Párocos e Bispos. Sua figura prócer (de liderança) e elegante, seu ar marcial, seu trato fino e delicado, junto com uma voz clara, dicção perfeita, gesto nobre e discurso bem limado, tudo fazia dele, desde jovem missionário, um orador que dominava qualquer auditório.

Valia-se de suas qualidades e prestígio para orientar, animar os companheiros de apostolado e suavizar-lhes as dificuldades. Tinha verdadeiras delicadezas de amor fraternal.

Recorreu com brilho toda a extensa gama de pregações missionárias, em particular os Exercícios Espirituais a Religiosos e as pregações apologéticas, para as quais tinha vasto preparo que manejava com invencível dialética.

Distinguia-se ainda no tribunal da penitência, rodeado de penitentes notáveis pelo número e qualidade.

Ocupou o cargo de Superior nas Casas do Rio de Janeiro (Rio Comprido), Belo Horizonte e Porto Alegre, tendo regido os destinos da Província do ano de 1924 a 1930. Nos seus anos de provincialato enriqueceu a Congregação com o grandioso Ginásio São José de Batatais, e com o colégio Máximo de Rio Claro, tendo ainda a grande satisfação de receber a profissão religiosa dos primeiros

estudantes da nossa Província. No ano de 1912 representou a Província no Capítulo Geral de Vic. Além de suas ótimas qualidades de orador sacro, são bem conhecidos no campo da imprensa os seus trabalhos como fundador e diretor da simpática revista “Rosa Mística”, fundada em Campinas. Deixou publicado: “O Espiritismo em si e nas suas relações”, além de várias composições musicais, como “Brasil de Maria”, “Glória a Jesus na Hóstia Santa”, etc.

Querendo distinguir, nesta recordação necrológica, as características de seu robusto espírito de virtude, registremos a sua **Vida de fé**: “ Que para conseguí-la, fomentarei em mim o espírito de oração e piedade, pedindo fervorosamente a Deus, como graça especial, a de fazer bem a meditação; rezarei com mais devoção as orações vocais e farei todos os dias uma visita especial a Jesus Sacramentado e à Virgem Santíssima,” “Trabalharei quanto possível **pro Deo, pro Ecclesia, pro Congregatione**, porque não me pertenco a mim mesmo”. Este espírito fazia-o ver a Deus mesmo, na pessoa dos superiores, resolvendo “nada pedir e nada recusar”, como meio essencial de manter em paz a própria consciência.

Amor ao trabalho: Nunca abandonou o estudo das ciências eclesiásticas, tirando daí vantagens extraordinárias para o ministério sacerdotal, deixando sempre bem alto o nome da Congregação.

Nobreza de caráter: Em sua vida semeada de amarguras e sofrimentos morais muito profundos, sobretudo nos anos de seu Governo, nunca teve uma palavra de queixa contra ninguém, não tratou de justificar-se quando o acusavam, sendo tão fáceis as acusações! Muito menos sonhou com vinganças.

Em seus últimos momentos, diante de Jesus Sacramentado que o Padre Superior trazia em suas mãos como Viático, indicou-lhe o Padre Ângelo Martin

Vergara que manifestasse a todos ali presentes seu pedido de perdão à Província, à Comunidade e a todos em geral, protestando seu amor à Congregação na qual morria feliz.

(A.C., 1933, pág. 52-64)

Padre PEDRO CALVO BENEDITO

(Faleceu em Peitudo /Município de Ouro Fino, Estado de Minas Gerais/ no dia 27/03/1933, com 57 anos.)

De invulgar humildade, sua alma era daquelas que quase não oferecem superfície para o exterior. Ao princípio na Casa de São Paulo, mais tarde nas duas residências da Capital do país: Méier e Rio Comprido, depois nas praias de São Vicente, e principalmente em Pouso Alegre, onde residiu mais de três lustros (três quinquênios), desdobrou suas energias em quase todos os ministérios da nossa vocação. Não era orador de altos voos; mas sua palavra apostólica produzia colheita abundante.

Como ministro das misericórdias divinas, no tribunal da penitência, prudente e afável, incansável e fervoroso, cheio de compaixão e de paciência, pode figurar entre os melhores. Como apóstolo da gente simples, como missionário das aldeias, fez-se credor a todos os louvores. Sob este ponto de vista, foi um herói.

(A.C., 1934, pág. 118-122.)

Padre JOSÉ INÁCIO BARANDIARÁN MENDIZÁBAL
(Faleceu no dia 27/09/1934 em Campinas, com 53 anos.)

Foi o primeiro missionário da Província que levou ao céu os parabéns que a Congregação militante apresentava a Deus e ao seu ínclito Fundador, depois da beatificação solene deste paladino da santidade.

Na Capital de São Paulo e em Santa Ana do Livramento, em Pouso Alegre e em Campinas, em Porto Alegre e em Ribeirão Preto, exerceu, sempre trabalhador incansável, o seu zelo e caridade para o bem do próximo e a salvação das almas. Estas virtudes alimentava-as na prática de uma piedade sincera, da qual foi nota peculiaríssima o entusiasmo que sentia por tudo o que pertencia ao Coração de Maria. Em Pouso Alegre encheu casas e sobrados de quadros do Coração de Maria e conseguiu que a praça de nossa igreja fosse declarada pela Prefeitura “Praça do Coração de Maria”. Nas frequentes pregações, às quais se entregava em São Paulo, Minas, Espírito Santo, Paraná e Rio Grande do Sul, não se esquecia de falar das glórias do Coração de Maria. Muitas pessoas piedosas, principalmente Irmãs de Caridade, contaram vários favores recebidos do céu, por intercessão do Padre Barandiarán.

(A.C., 1935, páginas 486-490)

Padre BALDUÍNO NELSON DE SOUZA

(Faleceu no dia 31/05/1935 em Belo Horizonte, com 37 anos.) (*Teve tuberculose e foi tratado em São José dos Campos. Recuperado foi destinado à

Casa de Belo Horizonte. Ao chegar, internou-se com apendicite, não resistiu).

Passos, pitoresca e religiosa cidade do Estado de Minas, viu embalar-se o berço do menino Balduíno. Seria ele, ao seu tempo, o primeiro postulante da nossa Província. À frente da turma dos primeiros estudantes americanos que fizeram sua carreira na Congregação, seria depois, também, o primeiro sacerdote brasileiro que voaria às mansões do céu. Parecia ter uma vocação de primazias.

Inteligência lúcida, memória pronta, e feliz, até paixão pelo estudo, coração magnânimo sempre disposto ao sorriso e à bondade, gênio alegre de uma expansão comunicativa, delicadeza extrema e às vezes quase timorata (cheia de escrúpulos) para não melindrar os outros, simplicidade infantil em seu ameno trato, lhe eram qualidades inatas que, unidas ao seu enraizado espírito de fé, à sua piedade sólida e ao entusiasmo com que amava sua vocação religiosa, faziam de sua pessoa um centro de atração à virtude, por ele tão bem compreendida e vivida.

Tinha afeição especial ao estudo das altas matemáticas, nas quais sobretudo teria brilhado singularmente. Em Sam Domingos de la Calzada, era voz comum que, naquele Colégio, ninguém lhe igualava neste ramo de ciência.

Tinha também qualidades nada comuns para a pregação, como o demonstrou muitas vezes, nas classes de oratória. Deus, porém, aceitou sua boa vontade: chamou-o ao céu sem ter exercido o ministério da palavra uma só

vez.

(A.C., 1938, págs. 76-78)

Irmão JUSTO GOROSPE GUINEA

(Faleceu no dia 10/10/1935 em São Salvador, com 67 anos.)

Após alguns anos de vida religiosa na Espanha, rumava às terras brasileiras, sendo o termo da sua viagem a capital baiana. Até 1926, permaneceu em Boa Viagem; em 25 de Outubro desse ano subiram os Padres ao Antigo Hospício de Jerusalém e ele foi para essa casa, donde saiu só duas vezes a passeio, até a sua morte. Não havia coisas difíceis para nosso Irmão. A obediência era manancial de alegria; a pobreza, fonte de doçura; a castidade, prado ameno de enlevos divinos. Com os pobres era inexcedível: privava-se de um prato na comida, para dá-lo aos pobres, com a devida licença. A caridade fraterna não andava na retaguarda das outras virtudes. Na Espanha escreveu diversos diálogos para as festas de Natal e isto com a intenção de alegrar os seus irmãos. Na Bahia dirigiu os atos da Comunidade e as rezas da igreja para aliviar o único Padre que ficava em casa. Observador por natureza, anotava o mais interessante, como depois da morte se pode observar por seus manuscritos. Os avisos dos Padres Superiores e dos Ministros, tinha-os como ordens.

(A.C, 1936, págs. 418-421.)

Exmo. Sr. D. FLORENTINO SIMÓN GARRIGA
(Faleceu no dia 23/11/1935 em São Paulo, com 67 anos.)

Depois de desempenhar por alguns anos o sagrado ministério em diversas cidades da Espanha, foi destinado ao Brasil, chegando aqui em 1899.

Jovem ainda foi nomeado Superior da Casa de Campinas; depois, Superior em São Paulo, e ainda, no Rio de Janeiro, na casa Méier; e Consultor Provincial no sexênio do Padre Genover, a quem substitui no Governo da Província em 1919. Durante o seu provincialato, emite a profissão religiosa o primeiro Irmão que o Brasil ofereceu à Congregação e se inaugura o Postulando de Guarulhos. Terminando o sexênio, volta a reger as Casas do Rio de Janeiro e de Campinas, até que nele fixou os olhos a Santa Sé, nomeando-o Bispo Titular de Leuce e Prelado de São José do Alto Tocantins. Aos 21 de Junho de 1931 foi sagrado em nosso Santuário de São Paulo por seu grande amigo, o ilustre Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva.

Sendo homem de talento e de cultura religiosa nada comum, contudo o que põe de relevo a sua personalidade é sem dúvida a nobreza de alma e seu grande coração. Nos recreios era sumamente jovial e comunicativo. Com que entusiasmo cantava e repetia as canções da infância e dos Colégios!

Dado, porém, o sinal de terminar o recreio, era a regra viva. Ninguém mais intransigente que ele na guarda do silêncio. Era sempre o primeiro em levantar-se em todos os atos da comunidade. Cumpre notar ainda, que o abnegado e observante D. Florentino tinha aptidões para todos os ministérios; sabia-se sair bem de todos os encargos, sendo dotado de boa presença e de

ótima saúde. Na mesa não bebia vinho, nem tomava sobremesas finas. Tinha por hábito reservar para si o mais molesto, incômodo e pesado. Era de se ver aquela assiduidade em celebrar todos os domingos e dias santos a missa das dez horas, com a correspondente homilia.

Foi confessor e diretor espiritual de vários Srs. Bispos, apreciado com a amizade muito íntima por alguns Srs. Arcebispos e pelos dois Cardeais: D. Arcoverde e D. Leme. O Exmo. Sr. D. Duarte Leopoldo e Silva, além das provas de afeto extraordinário que lhe demonstrou, assistindo-o pessoalmente nos últimos momentos, fez questão de celebrar, ele mesmo, a missa de corpo presente e espontaneamente cedeu a Cripta da Catedral Metropolitana de São Paulo para descanso dos seus restos mortais.

(A.C., 192, pág.57.)

Padre ILDEFONSO PEÑALBA RUIZ
(Faleceu no dia 1/11/1936 no Rio de Janeiro, com 56 anos.)

A laboriosidade foi a característica mais destacada de sua vida religiosa. Era incansável no exercício do sagrado ministério. Muitos dias fazia uso da palavra três e até quatro vezes. Os quatorze anos passados no Rio de Janeiro constituem o zênite de sua atuação ministerial. Sendo Superior, dirigia a revista paroquial “ A Paz” e era tal seu bom critério em misturar o útil com o ameno que os fiéis a arrebatavam das mãos dos que a exibiam em público. Quando se deu a catástrofe que converteu em ruínas o ciclópico Santuário do Méier, foi a alma daquela cruzada gloriosa que, em espaço de tempo relativamente curto, reergueu um novo templo tão grandioso, tão impecável em suas linhas como o primeiro.

Nos primeiros anos de sua vinda ao Brasil, foi missionário incansável nas terras gaúchas e Superior de Porto Alegre e Santa Ana do Livramento. Como um dos primeiros administradores da “Ave Maria”, deu à revista um formidável impulso, auxiliado e coadjuvado pelos heróicos Irmãos propagandistas.

No púlpito era assíduo e inesgotável. Anda impresso com o seu nome um célebre discurso que pronunciou na igreja de “Santa Cruz dos Militares”. A Irmandade composta exclusivamente de elemento militar encomendou-lhe o panegírico da festa principal, e agradou-se tanto do valor intrínseco da peça oratória, que imediatamente lhe pediram uma cópia, imprimindo-a por conta própria.

(A.C., 1937, págs. 189-192)

Senhor JOSÉ FLAVIANO FERREIRA (ESTUDANTE)

(Faleceu no dia 14/04/1937 em Campo Comprido /Município de Curitiba/, com 25 anos.)

Viu a primeira luz em Bonfim (Est. de Minas Gerais) no dia 28 de Janeiro de 1912. Cursava precisamente o quarto ano de Teologia quando a morte o surpreendeu num passeio. Atravessando pequeno lago numa barca, foi atacado de fulminante congestão cerebral, caindo na água, donde foi tirado cadáver.

Benquisto de todos e por todos respeitado, grangeara gerais simpatias de verdadeiro afeto fraternal, mercê do trato amável, carinhoso, lhano (sincero), lépido (jovial e alegre) e pelas prendas de caráter, entendimento e coração, cifrava em si as esperanças de um futuro risonho nas lides missionárias, máxime na imprensa para o que estava dotado de aptidão nada vulgar.

(A.C., 1939, págs. 205-206)

Padre MIGUEL GRAU SOLA

(Faleceu no dia 10/12/1938 em São Paulo, com 69 anos)

Poucos meses depois de recebido o sacerdócio, foi destacado ao Noviciado de Cervera. Vindo ao Brasil em 1907, foi destinado à Casa de Pouso Alegre. Cinco anos porém não haviam passado, quando, vítima de uma paralisia mental, resignou-se a levar o peso dessa cruz pelo espaço de 20 anos, residindo ora em São Paulo, ora em Guarulhos, sendo objeto dos cuidados solícitos dos Superiores e Irmãos coadjutores.

De vida profundamente espiritual, tinha entre os seus entretenimentos fazer frequentes e prolongadas visitas ao Santíssimo Sacramento. Passando pelos corredores levava sempre o terço na mão. Nos momentos de melhor lucidez mental compôs e rezava algumas orações muito fervorosas para o aproveitamento dos noviços e pelas necessidades da Congregação, oferecendo a este fim seus padecimentos físicos e morais.

Venerando sacerdote, alquebrado pela debilidade e confortado com todos os sacramentos, fechou os olhos a este mundo com a placidez de uma criança que dorme.

(A.C., 1939, págs. 245-246)

Irmão JOÃO LOPES SALVAT

(Faleceu no dia 19/02/1939 em São Paulo, com 59 anos)

Feita a Profissão Religiosa, os Superiores o destinaram, depois de outros cargos e casas, à cidade de Marselha (França). Em 1921 veio ao Brasil, sendo Campinas o seu primeiro destino e, depois, Curitiba, até que os Superiores lhe encarregaram a propaganda da “Ave Maria”, na qual passou quatorze anos de verdadeiro Apostolado da Imprensa. Para facilitar melhor o pagamento, procurou economizar tempo nomeando em cada cidade uma pessoa encarregada de cobrar-lhe as assinaturas de revista e assim ele podia dispor de mais tempo para a propaganda de livros e de objetos religiosos e para arranjar vocações para os nossos colégios e o auxílio material para a manutenção delas. Entregou com este fim aos diversos e sucessivos encarregados, mais de 50.000 cruzeiros.

Em todas as partes sabia captar as simpatias, graças ao seu bom humor, sem que por isso deixassem de faltar-lhe as contrariedades inerentes às obras empreendidas pela glória de Deus. Devido ao seu esforço, hoje se encontram traduzidas várias obras de nosso Santo Fundador, como por exemplo, o “Catecismo Explicado”. Nota peculiar da vida laboriosa do Irmão Lopes foi o caráter aberto, franco e expansivo a toda alegria que o acompanhou até os últimos momentos. Sentindo a morte aproximar-se, em vista da dificuldade sempre crescente na respiração, dizia, certo do seu fim próximo: “Agora, finis Lopes”, e outra ocasião chegou a dizer que lhe cantassem bem o “requiescat in pace” na missa de corpo presente, porque do contrário seria capaz de levantar-se do féretro.

(A.C., 1939, págs. 429-432)

Padre **INÁCIO BOTA AGULLO**
(Faleceu no dia 28/11/1939 em Campinas, com 54 anos.)

Nesta nossa Província ocupou cargos de relevância e responsabilidade. Foi Segundo o Consultor Provincial no sexênio do Padre Ângelo Martin e Superior em Santos e Guarulhos. Com elegância de frase e correção inigualável verteu ao português a “Vida do Venerável Padre Claret” do Padre Blanch.

Suas pregações, embora desenvolvendo assuntos elevados e abstrusos (difíceis), encantavam pela nitidez de conceitos e comparações felicíssimas manejando com suma felicidade o fraseado de acordo com a categoria do auditório que doutrinava.

Autor de uma História Natural, ramo de ciências em que era verdadeira autoridade, principalmente em Botânica, as múltiplas facetas de sua capacidade intelectual se desdobravam nos diferentes ramos do saber humano. Poliglota, dominava e ensinava português, castelhano, catalão, francês e italiano; bem como explicava os clássicos latinos e gregos e desvendava os segredos dos autores hebraicos.

Catedrático no Colégio São José de Rio Comprido (Rio de Janeiro), no Colégio Máximo de Rio Claro, no Seminário de Pouso Alegre e no Ginásio de Batatais, as suas aulas, sobre qualquer matéria, eram um enlevo para os alunos. Filosofia, Moral, Direito Canônico, Teologia, História Eclesiástica, Matemática, Astronomia, Arquitetura, Arqueologia, eram matérias para ele familiares que, a qualquer momento, estava disposto a ensinar, com a competência de um mestre e um sábio.

Atraído pelos encantos da música, dedicou-se ao piano com tal

facilidade, que pode interpretar o pensamento dos grandes autores da bela arte sonora. Versejava, sobretudo, em castelhano com uma naturalidade fluente e harmoniosa. Para a revista “Ave Maria” ofereceu uma diversidade de artigos, ricos de ensinamentos e observações curiosas, muito apreciados, ocultando o nome sob suas próprias iniciais: I. B. A. (Inácio Agullo).

(“Ave Maria”, 1939, pág. 773-779.)

Irmão ELIAS PRIOR MENA

(Faleceu no dia 07/12/1939 no Rio de Janeiro, com 48 anos.)

Quando menino frequentava uma escolinha de História Sagrada e Catecismo dirigida pelo Irmão Miguel Domenech, em Sam Domingo de la Calzada. Ficou tão encantado com o modo de ser do Irmão Miguel, que não tinha outra aspiração que fazer-se Irmão da nossa Congregação a exemplo do seu mestre. Com 16 anos pediu para ser admitido. Vendo-o Padre Burgos tão bem disposto, indicou-lhe que podia estudar para Padre. Mas o menino Elias com todo respeito lhe disse: “Eu pedi para entrar para a classe de Irmão como o Irmão Miguel. Se me fizeram assim, fico, senão volto para casa”.

No Noviciado dedicou-se ao ofício de alfaiate e nesse ofício não queria ser mais ou menos, queria ser perfeito. Em Segóvia esteve vários anos como coadjutor do Mestre dos Irmãos Noviços, e depois, como encarregado da rouparia. O Irmão Elias sabia contentar a todos os gostos, dirigia a oficina de modo que todos os seus subordinados estivessem ocupados e a roupa estivesse pronta no tempo e hora devidos. Vigiava para que ninguém levasse roupa rasgada ou suja. Nesse cargo veio encontrá-lo um novo destino. Em Junho de 1918 embarcava para o Brasil, chegando a São Paulo no mesmo mês.

Nas diversas casas onde esteve: São Paulo, Guarulhos, Curitiba, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, foi alfaiate, porteiro, sacristão, enfermeiro entre outros ofícios.

O agrado com o qual tratava os doentes, o conhecimento que tinha dos remédios e injeções fizeram dele um ótimo enfermeiro. Toda a vida teve um cuidado particular com os coroinhas de nossas igrejas. Por sua amabilidade para com eles, era obedecido e muito recordado. Na alfaiataria nunca estava

de braços cruzados; industriava-se para distribuir o trabalho de sorte que nada faltasse aos indivíduos da comunidade. Com as pessoas de fora, na portaria e na sacristia, guardava sempre a compostura que requer a gravidade religiosa. Amante e zeloso das glórias da Congregação, não esquecia que sobretudo e sempre era Filho do Coração de Maria.

(Boletim Brasileiro M.6; "Ave Maria", 1939, página 789)

Padre GERALDO DA SILVA ANTUNES

(Faleceu no dia 06/10/1940 em Rio Claro /Estado de São Paulo/, com 25 anos.)

Nasceu em Areias (São Paulo) de uma família modelo de vida cristã. Ao terminar a carreira foi destinado ao Colégio de Rio Claro como professor de latim e retórica. Aí o surpreendeu a morte prematura, afogado na represa da nossa chácara.

“No tempo dos estudos gastei muito da Congregação – deixou escrito o Padre Antunes – devo agora pagar seus desvelos”.

Como dissera a um de seus irmãos, pedia constantemente ao Senhor que lhe enviasse a morte, antes que ter a infelicidade de abandonar a vocação.

Além dos estudos comuns, procurou especializar-se na Sagrada Escritura e, Literatura, Português, oratória sagrada, ensaiando com êxito os combates da pena. Sua férrea constância lhe conseguiu afinar o ouvido que o tinha bem negado para a música. De sua atuação como professor, Padres e discípulos são contestes (estão de acordo) em afirmar sua dedicação, esforço e competência. Estudava e lia sem parar: sempre o encontravam na cela. Nada recusava e sacrificava-se para servir a todos.

(Boletim n.º64.)

irmão RAIMUNDO RAFI FIGUEROLA

(Faleceu no dia 22/03/1941 em São José dos Campos /Estado de São Paulo/, com 59 anos.)

Jovem ainda, marcou-lhe a obediência o campo da nossa Pátria para expansão de seu zelo apostólico, passando logo a residir na recém-fundada Casa de Porto Alegre e, depois, em Campinas.

Pela seriedade de seu caráter e pela confiança que sempre mereceu dos Superiores, durante alguns anos foi propagandista de nossa revista “Ave Maria”. Essas viagens contínuas que lhe exigiam o apostolado da boa imprensa, não lhe diminuíram a sua predileção pelo recolhimento nem afrouxou no hábito de ser pontual aos atos da Comunidade. Ainda que outra coisa tivesse entre as mãos, sabia dispor do tempo com tal precisão que, minutos antes da hora, estava juntando papéis e fechando portas, de modo que a voz do sino o encontrasse sempre no caminho ou no lugar onde devia reunir-se a Comunidade.

Na administração da “Ave Maria “ esteve alguns anos à frente da seção de venda de livros e objetos piedosos. Sua memória, bastante extraordinária, lhe facilitava o manejo de tão complicado negócio e o reconhecimento de pessoas que tinha visto fazia muitos anos. Passou os últimos anos de sua proveitosa vida em São Paulo e Batatais. Religioso de sólida virtude, era visto como frequência a sós com Jesus Sacramento, ou ainda perto da imagem do Puríssimo Coração de Maria, e de noite costumava percorrer as estações da Via Sacra.

(“Boletim” n.º 68.)

Senhor **AUGUSTO D' ALLA VIA STRAPASSON**
(Faleceu no dia 21/02/1942 em Curitiba, com 22 anos.)

Nasceu em Santa Felicidade, colônia italiana, de vida intensamente cristã no município de Curitiba. Seus anos de professo resumem-se nestas palavras: zelo e constância.

Seu zelo transparecia nos sermões e escritos missionários, no amor ao ministério do catecismo e, sobretudo, no carinho com que cuidava do Círculo Filatélico, lavando e empacotando selos, enriquecendo as coleções e carteando-se com as casas filatélicas mais importantes do país e do estrangeiro.

Sua constância mostrava-se no ardor com que se dedicava ao exercício da pregação e ao estudo das matérias colegiais. Era ainda dotado de qualidades nada comuns para o desenho e a pintura. Executava com rapidez e bom gosto diversos trabalhos para nossas revistas. Rasgados elogios mereceu de abalizado crítico chileno, a portada que fez para “El Heraldo del Corazón de Maria e S. Judas”. Ao morrer, deixou vários mapas para a “Exposição Missionária do IV Congresso Eucarístico de São Paulo” em 1942.

(Bol. Br. Ano 1943, página 133.)

Irmão JOSÉ NOGUER MARSAL

(Faleceu no dia 11/06/1942 em São Paulo, com 67 anos)

No ano 1899 formou parte da Segunda Expedição de Missionários ao Brasil, sendo destinado à recente fundação de Campinas, onde desempenhou perfeitamente os ofícios de alfaiate e de sacristão, servindo neste cargo com muita satisfação do povo. Quando em 1906 decidiu-se que os Irmãos tomassem por sua conta o árduo e comprometido trabalho da propaganda da “Ave Maria”, foi escolhido primeiro o Irmão André Balsells, em 1907, e seguindo por outra zona, o Irmão José Nogueir, começando este e prosseguindo incansável no seu labor até 1942, dois meses antes de sua morte.

O Irmão Nogueir estendeu, por diversos tempos, as suas atividades por todo o Estado de São Paulo e pelo Estado do Rio de Janeiro, e nos últimos anos percorreu o Estado do Rio Grande do Sul. No desempenho do seu ofício mostrou-se incansável, porque muito dedicado e devotado ao mesmo, de corpo e alma, só o deixou por causa da última enfermidade. Contribuiu eficazmente com seus diligentes companheiros (num ambiente frio e quase hostil) ao progressivo aumento das assinaturas até o número de trinta mil assinantes. Animado pelo desejo de fomentar e propagar a religião, valeu-se do meio que os Superiores puseram nas suas mãos, continuando estes a dar-lhe para isto a sua confiança, à qual soube ele corresponder plenamente.

(Bol. Br, n.º 78.)

Padre **JESUS BALLARIN CARRERA**
(Faleceu no dia 06/07/1942 em São Paulo, com 40 anos.)

Foi professor toda a sua vida. Em 1929, começou lecionando Filosofia em Guarulhos, pouco depois em Rio Claro. Tomou, desde o primeiro dia, a direção do coro do Colégio continuando com tenacidade digna dos maiores encômios (elogios), até o fim da vida; presidindo, ensinando a emissão da voz, dirigindo sempre com entusiasmo e saudável otimismo nas ocasiões mais solenes e de maior compromisso, quando o orfeão era solicitado. Os aplausos e os mais desvanecedores elogios dos entendidos provaram a sua competência na técnica musical. Os Diretores dos Conservatórios de São Paulo, Curitiba e Recife testemunharam-lhe a sua franca admiração.

Com a transferência dos nossos Estudos Superiores de Rio Claro a Curitiba, dilatou-se ainda mais o campo das suas atividades científicas. Continuando como professor no Escolasticado, começou a ditar conferências de Filosofia no **Círculo de Estudos “Bandeirantes”**.

Em 1938, foi convidado para ser professor da Faculdade de Filosofia, que surgia então com prognósticos de insucesso. Ensinou com aplauso geral Psicologia Experimental, Estética e História da Filosofia. Se ele foi o professor de maior prestígio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná foi mais ainda o seu orientador e, para dizer tudo, o seu verdadeiro fundador. Ocupou, até à morte, o cargo de Subdiretor da Faculdade e de Diretor da seção técnico- administrativa. Durante vários anos lecionou Lógica e Psicologia no curso complementar do Ginásio do Estado.

Mas o seu Apostolado não se limitava à cátedra. Abrangia também o púlpito e o confessionário, donde irradiava os fulgores de uma doutrina sã e

pura, da qual tanto se beneficiavam as almas.

De sua piedade consta apenas que foi coisa notória, durante toda a sua vida, o recolhimento com que rezava a Santa Missa. Todas as suas missas pareciam a de um neo-presbítero, empenhado em cumprir até os últimos pormenores as rubricas. A entoação da voz e os movimentos de cabeça atestavam a atenção interna. Mais de uma pessoa comentou o recolhimento do Padre Ballarin ao celebrar a Santa Missa.

[“Boletim” nº 72; “Vida Claretiana”, ano I, nº 1 (1942), págs. 12-14.]

Padre **HIGINO CHASCO FRANCO**
(Faleceu no dia 05/08/1942 em Curitiba, com 63 anos.)

Exerceu no Brasil, durante os 38 anos que entre nós viveu, uma atividade febril. Por 6 vezes foi eleito para o cargo de Superior Provincial.

Foi professor durante os anos passados em Rio Comprido, Belo Horizonte, Pouso Alegre e Curitiba. Ensinou até, de forma simultânea, Teologia Dogmática, Teologia Moral, Direito Canônico e Exegêse Sagrada. Era natural que lecionando ao mesmo tempo ciências diversas não pudesse sempre tratar as questões com a profundidade que seria de desejar; mas por outra parte, a clareza com que tratava as questões, por ele abordadas, era notória. Em moral tinha um critério muito seguro e em Direito opiniões bem definidas. Dos seus discípulos, três foram elevados à dignidade episcopal. Teve gosto também pela música, cantando e dirigindo o coro durante anos passados em São Paulo. Copiava com capricho o que de melhor achava, podendo assim legar um acervo de 600 páginas em almanaque à cartoteca musical de Curitiba.

A revista “Ave Maria” conta-o entre seus diretores. Mas a obra que mais o celebrizou foi a fundação da Adoração Noturna de São Paulo, em 1915, juntamente com o Padre Francisco Peres. O Padre Chasco trouxe, aos pés de Jesus, médicos, advogados, engenheiros, promotores públicos, juízes e ministros do Tribunal de Justiça, enfim, tudo o que havia de mais significativo na alta e culta sociedade paulista.

Orador brilhante, eletrizava o auditório com o seu verbo de fogo. Um dos seus mais notáveis sermões, “As três horas da agonia”, hoje é uma jóia de oratória, que com carinho guarda o Arquivo do Estado, em São Paulo. Esses

trechos, no dizer de Lellis Vieira, no original aparecem como obra prima de linguagem, sabedoria e arrebatamento cristão.

Numa palavra, possuía um coração fervoroso e uma inteligência cheia de cultura. A sua vida foi a dedicação pelo dever.

(“Vida Claretiana”, 1942, pág. 25; “Boletim” nº 76, pág. 233.)

Padre **JULIÃO CANTUER BESTUÉ**
(Faleceu no dia 06/11/1942 em Porto Alegre, com 65 anos.)

Seis meses após a ordenação sacerdotal foi nomeado Ministro da casa de Bilbao, exercendo esse cargo pelo espaço regular de 6 anos.

A obediência mandou-o depois a Portugal, onde se dedicou principalmente ao Ministério das Santas Missões. Com a proclamação da República em Portugal, foi enviado ao Brasil, percorrendo, nos seus anos de Ministério, as seguintes casas: Pouso Alegre, Belo Horizonte, Carangola, Ribeirão Preto, Curitiba, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Exerceu o cargo de Superior em Guarda (Portugal), Pouso Alegre e Ribeirão Preto. Da sua permanência em Curitiba, merece lembrar-se a atrevida façanha de subir a rezar missa e colocar um cruzeiro no pico do Marumbi, tido como o mais elevado do Paraná.

O Padre Julião Cantuer não tinha, em nenhuma hipótese, a astúcia; tinha sempre, e para todos, a simplicidade da pomba e em ocasiões era até ingênuo.

A sua bondade não nascia de conveniência social, mas era genuína e sincera, traduzida em favores e delicadezas; a sua bondade era ainda constante. Bem se lhe podiam aplicar aquelas palavras das nossas Santas Constituições: **“Alter laetetur de alterius scientia, ingenio, virtute tanquam de re propria”**.

Era também diligente no cumprimento das suas obrigações, como Ministro e como Superior, e tinha um interesse particular em indagar do chamado alto comércio os preços dos gêneros, para que as nossas comunidades fossem bem atendidas e pelos preços mais econômicos. Pelo seu

amor à Congregação, todos reconheciam o interesse com que procurava sempre colher novas informações sobre os indivíduos, casas e empresas da Província e da Congregação.

(“Boletim” nº 77; “Vida Claretiana”, ano II, nº 1, págs. 4-5.)

Padre **NICOLAU GOMEZ ATIENZA**
(Faleceu no dia 08/11/1942 em Santos, com 64 anos.)

Aos 12 anos ingressou em nosso Postulando de Segóvia, atraído por umas missões pregadas por nossos Padres em sua cidade natal. Exemplo de desprendimento da família, nunca mais tornou a ver nenhum de seus numerosos e acomodados parentes. Ordenado sacerdote em Julho de 1904, veio ao Brasil no ano seguinte. Iniciou a sua carreira apostólica percorrendo quase todas as localidades do Sul de Minas, passando depois a residir em Campinas, onde continuou com fervor as pregações; depois em Curitiba, onde muito trabalhou e sofreu devido à pobreza e viagens penosas. Destinado a Porto Alegre, missionou numerosas localidades da Diocese, como também da Diocese de Santa Maria. Residiu vários anos em São Paulo, em Santos, em Carangola, em Belo Horizonte e em Ribeirão Preto, donde foi novamente a Santos em 1934, sentindo já pesar-lhe os anos, os achaques e os desenganos.

Dois traços caracterizam a atuação missionária do Padre Nicolau Gomez Atienza: as visitas pastorais e o catecismo.

Durante quase 40 anos foi o companheiro de numerosos Bispos, percorrendo as dioceses de São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, Guaxupé, Campanha, Pouso Alegre, Curitiba, Porto Alegre, Santa Maria e outras, principalmente a diocese de Botucatu, que abrangia um terço do Estado de São Paulo, indo das barrancas do Paraná até Iguapé, na orla do Atlântico. Durante largos meses e anos consecutivos, acompanhou o apostólico Prelado D. Lúcio, que percorreu essa diocese toda a lombo de cavalo, sofrendo e trabalhando o que só Deus sabe, sem nunca perder o bom humor e achando graça até nos

transes apertados e verdadeiros perigos de vida.

Sentiu-se sempre com vocação de catequista. Nas pregações e em nossas casas, achava prazer em ver-se cercado de crianças, às quais fazia larga distribuição de santinhos, terços e medalhas, imitando nisso, como ele dizia, o nosso Beato Padre Fundador.

Plácida e edificante foi a morte do Padre Gómez. Recebeu com edificação os Santos Sacramentos; pediu perdão a todos das faltas e desatenções nas quais tivesse incorrido, seguindo-se um estado de leve consciência que durou vários dias, até entrar em franca agonia na madrugada do dia em que faleceu. O zelo apostólico foi a característica de sua vida.

(“Boletim” nº 70; “Vida Claretiana”, ano II, nº 2, págs. 4-5.)

Padre **GREGÓRIO ANGOITIA BENGOA**
(Faleceu no 01/07/1943 em Batatais, com 58 anos.)

Partindo para o Brasil em 1908, teve como principal apostolado acompanhar os Srs. Bispos de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul em suas visitas pastorais. No Brasil de antanho, em lombo de burros e em frágeis canoas percorreu milhares de quilômetros. Numa de suas viagens, envenenado por um copo de água corrupta, contraiu pertinaz anemia que, rebelde a todo tratamento médico, o acompanhou sempre até à sua última enfermidade.

Exerceu o Padre Gregório Angoitia Bengoa, em Santa Ana do Livramento, Curitiba e Rio Claro o cargo de Superior, merecendo rasgados louvores pela sua atuação. Na capital paulista foi por vários anos capelão da Santa Casa de Misericórdia, presidente da Pia União de Sufrágios, administrador da “Ave Maria” e Ministro Provincial, cargos todos desempenhados airoosamente.

Em 1934, agravando-se-lhe a enfermidade, foi internado no Hospital Santa Catarina; nas crises mais agudas da doença jamais perdeu sua jovialidade tão peculiar. Sucessivamente buscou em Rio Claro e Batatais melhores climas. No ginásio São José, de Batatais, encontrou dias de alegria e paz, entre os 300 alunos, que o amavam ternamente, pois o Padre Angoitia, com sua alma candorosa (cheia de candura, doçura) e jovial, foi por todas as partes onde passou ímã de atração, principalmente dos jovens e dos meninos.

Na antiga capela Ginásio, o confessionário do Padre Angoitia era assaltado por pessoas vindas dos mais extremados bairros da cidade.

Sem nunca ter saído de casa, o bom Padre Velho (muitos nem sabiam como se chamava), confortou e alentou a milhares de corações, merecendo ser

seu enterro uma apoteose de almas reconhecidas que vieram trazer-lhe, com suas lágrimas e orações, um tributo de gratidão e amor.

(“Vida Claretiana”, ano III, 1944, nº 2.)

Padre JOSÉ MARIA ANDIA GALARRETA

(Faleceu no 02/10/1944, em Rio Claro, com 69 anos.)

Fez a profissão religiosa a 20 de Agosto de 1893 e recebeu a ordem sacerdotal a 1º de Setembro de 1901.

Em Praga (Portugal), primeiro destino do Padre Andia, mostrou os fúlgidos albores (brilhos) de seu zelo pela salvação das almas, entregando-se de preferência às Missões, sendo ótimo companheiro nas lutas do Apostolado.

Voltou à Espanha por ocasião da Revolução Portuguesa e de lá foi mandado para o Brasil, residindo em São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, Santos e Rio Claro.

Destacou-se em todas as casas no Ministério das Confissões e nos trabalhos com os Srs. Bispos nas Visitas Pastorais.

Em Ribeirão Preto foi invejável auxiliar do Padre Ciriza na construção da Matriz de Vila Tibério, visitando as Fazendas, angariando esmolas e emprestando seus trabalhos para quanto lhe fosse mandado.

Salientou-se na simplicidade que atraiu a atenção e os olhares de quantos o rodeavam, servindo-se de amizades e irradiação de seu zelo para continuar em Santos, quando vigário, as obras que estiveram algum tempo paralisadas.

Em meio à estima e caridade de quantos o conheciam, viu passar o 50º aniversário de Profissão Religiosa, parecendo inocente criança a gozar dos frutos auferidos no arfar incessante de cinquenta anos de labores e sacrifícios.

Em Rio Claro passou os derradeiros anos de sua vida, entregue à direção espiritual, no confessionário, dos alunos que se formam para o sacerdócio.

Irmão JOSÉ ROSET TORRENTS

(Faleceu no dia 22/04/1945 em São Paulo, com 77 anos.)

Quando a nossa Província Brasileira se preparava jubilosa, para festejar o quinquagésimo aniversário da chegada ao Brasil dos primeiros Missionários Claretianos, festões de luto lhe emolduraram a frente, ante a triste perspectiva do desaparecimento da última relíquia daquela primeira leva de apóstolos Cordimarianos que pisaram as praias brasileiras.

A casa de São Paulo, que se orgulhava de conservar este tesouro, sentiu a mágoa profunda de vê-lo desaparecer, quando, no dia 22 de Abril assistia, pesarosa, à morte do bondoso Irmão José Roset Torrents.

Nasceu nosso Irmão em Castell de Arens a 1º de Novembro de 1868.

Nada sabemos de seus primeiros dias. Podemos, porém, afirmar que viu primeira luz do mundo embalado pelos sentimentos religiosos duma família piedosamente cristã.

Fazemos esta afirmação pelo fato de sabermos que, já nos anos de sua infância, se dedicou ao serviço de Deus, auxiliando como coroinha e, mais tarde, como sacristão o pároco da localidade onde nasceu.

Atravessou os dias críticos da mocidade cultivando no seu coração a flor encantadora da pureza, que mais tarde havia de consagrar a Deus Nosso Senhor pelos votos religiosos.

Com efeito: quando contava vinte e seis anos de idade, chamou às portas de nossa Congregação querida, que lhe foram carinhosamente franqueadas, iniciando sua vida religiosa no Noviciado da célebre ex- Universidade de Cervera.

Um ano mais tarde, em 15 de Setembro de 1895, consagrava-se definitivamente ao Senhor e ao Imaculado Coração de Maria pela Profissão Religiosa.

Jovem de grandes esperanças, os Superiores logo lançaram as vistas sobre o mesmo, para distingui-lo com sua confiança. Foi escolhido para tomar parte da Primeira Expedição de Missionários Cordimarianos, que vieram estabelecer-se nesta cidade de São Paulo.

Pode-se dizer que, pelo espaço nada curto de 50 anos, aqui exerceu suas atividades, até que a morte no-lo arrebatou. Cinquenta anos passados no exercício do cargo de sacristão, num Santuário de grande movimento como este de São Paulo, são a prova mais frisante das belas virtudes que lhe ornavam a alma e que o tornaram sempre merecedor da confiança dos seus Superiores.

Dotado duma simplicidade encantadora, aliada a uma delicadeza de trato sem ficção, o bom Irmão José sabia conquistar com sua bondade o coração de quantos o tratavam.

Teve o dom especial de conquistar a infância e a juventude. Por muitos anos foi Diretor e organizador do Catecismo Santuário, e é voz comum que o Catecismo, sob os seus cuidados, regorgitava de crianças, fazia numerosas comunhões e realizava piedosas festas.

O seu espírito organizador se dedicou também à Juventude e conseguiu arregimentar, em torno da bandeira de São Luís Gonzaga, um numeroso grupo de jovens que formaram, em seu tempo, uma das associações mais florescentes do Santuário. Até hoje, aquela mocidade de outrora conservou para o bondoso Irmão José uma recordação de saudade e de reconhecimento. Muitos deles ainda o confessam. Se nas diversas vicissitudes da vida continuaram a trilhar os caminhos da virtude, devem-no, depois da graça de

Deus, aos conselhos salutareos e às orientações carinhosas do saudoso Irmão José.

Entre os muitos triunfos que conquistou neste campo da juventude, poderíamos enumerar diversos sacerdotes que foram por ele encaminhados aos degraus do Altar Santo.

O Exmo. Sr. D. Gastão Liberal Pinto, Bispo de São Carlos; Monsenhor Francisco Bastos, Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Consolação; o Cônego Luiz Gonzaga de Almeida, Vigário de Santa Cecília, e o Padre Ângelo Gioielli, Vigário de Santo Eduardo, reconhecem que a sua elevação à dignidade sacerdotal a devem, inicialmente, ao Irmão José.

O Irmão José gozava duma saúde a toda prova. Parece que uma única vez estivera doente em toda sua longa existência. A segunda vez que a enfermidade lhe saiu ao passo, foi para derrubá-lo desapidadamente. Aos primeiros sintomas da doença que se manifestou com fortíssimas e veementes dores na região costal, procurou-se o concurso de diversos facultativos; fizeram-se mil e um exames de laboratório, tudo para ficar na incerteza de um diagnóstico mal definido.

Uma coisa apenas estava positivada: a doença não tinha cura. Foram dois meses de cruciantes dores e de horrorosos sofrimentos que esgotaram completamente a resistência física do paciente.

Os exemplos de virtude acrisolada (apurada) que neste lapso de tempo ofereceu aos seus irmãos, constituíram um dos quadros mais belos de sua vida espiritual.

Tranquilo e resignado, sofria os incômodos da doença com a paz do justo que tem consciência do prêmio que o espera.

Sua gratidão e reconhecimento lhe transpareciam no rosto, cristalizando

em palavras saturadas de agradecimento quando recebia qualquer serviço de algum dos seus irmãos.

Pouco a pouco as energias vitais de nosso Irmão foram definhando. E pelo cair de uma tarde melancólica de Abril, quando o sol moribundo, encostado na curva do horizonte, emitia seus últimos revérberos, apagava-se a vida daquele homem, que foi a bondade personificada; extinguia-se o último alento daquele Religioso, que partia deste vale de lágrimas para receber no céu a recompensa de suas virtudes.

A notícia do seu passamento vestiu de luto o Santuário do Coração de Maria e encheu de profundo pesar o coração de todos os frequentadores do mesmo, que votaram ao bom Irmão José grande veneração e dedicada estima.

Assim o manifestaram por ocasião de seu enterro que foi uma verdadeira consagração.

Paz à grande alma do benemérito Irmão José, cuja vida humilde e laboriosa nos oferece abundantes exemplos de virtude. A Província Brasileira, que ora se prepara para a celebração do seu quinquagésimo aniversário, deposita uma coroa simbólica de sempre-vivas sobre os restos mortais dum dos seus fundadores, ao mesmo tempo que vem queimar sobre sua tumba o incenso odorífero de uma sentida prece em sufrágio de sua bela alma. Descanse em paz.

(“Boletim” nº82; “Ave Maria”, 1945, pág. 263)

Necrologias de alguns Padres falecidos fora da Província, os quais nela muito trabalharam

Padre **EUSÉBIO SACRISTÁN VILLANUEVA**
(Faleceu em Madri, no dia 29/05/1923, com 67 anos.)

Seus anos de atividade no Brasil foram, certamente, os mais fecundos de sua vida aproveitadíssima e deixou aqui recordações profundas, aureoladas com o justo prestígio de que gozou, junto a Bispos, sacerdotes e outras pessoas de destaque.

Antes de vir ao Brasil fora coadjutor de nosso postulante de Alagón (1889-1892), missionário em Fernando Poo (1892-1894) e residiu em Gracia (1894-1895).

Sua atividade no Brasil, descreve o autor de sua necrologia, foi intensa, vasta, abnegada e triunfante. Já no ano de 1897 aparece como Primeiro Consultor da Casa de São Paulo; a 17 de Setembro de 1889 fundou a Casa de Campinas e eleito Superior da nova Residência, levantou com o poder de seu prestígio e de seu zelo o belo templo do Rosário; é Superior da Casa de São Paulo em 1905, reunindo recursos e realizando naquela igreja a magnífica obra do Camarim do Coração de Maria e o altar-mor de mármore de Carrara, e no ano de 1906, como prêmio de tanta fadiga e trabalho, foi eleito delegado da Quase-Província da Argentina e Brasil para o Capítulo Geral celebrado em Aranda de Duero. Depressa impôs-se o Padre Sacristán na língua portuguesa e ao cabo de um mês de sua permanência no Brasil pregava, com correção e soltura, a seus ouvintes no doce idioma do país. Missões, quaresmas, exercícios a sacerdotes e religiosos, novenas, panegíricos, práticas, retiros, toda forma de

pregação sagrada, teve no zeloso missionário seu hábil ministro e propulsor, e foi, muito admirado o Exmo. Cardeal Arcoverde, o cardeal mais de uma vez solicitou o concurso do Padre Sacristán para obras da glória de Deus e delicados assuntos de sua Arquidiocese.

Mas não foi o púlpito para o Padre Sacristán o campo único de suas operações apostólicas durante sua permanência no Brasil; trabalhou, também, com a pena já traduzindo ao português livros como o “Devoto Josefino” e o “Maná do Cristão” Escreveu inumeráveis artigos, primeiro como colaborador e, logo, como diretor da “Ave Maria”.

Em 1908, ao formar-se a Quase-Província da Argentina, cujas casas estavam antes unidas à Quase-Província do Brasil, o Padre Sacristán ficou sem cargo e o Rvmo. Padre Alsina o chamou à Espanha, destinando-o provisoriamente à Residência de Lisboa, até que voltou de novo às queridas missões de Fernando Poo, com o fim de tomar dados para documentar e ampliar *La segunda memoria de las misiones de Fernando Poo*, escrita pelo Ilmo. E Rvmo. Padre Coll.

A estas missões dedicou, desde então, sem dúvida, o melhor de suas iniciativas e atividades sobretudo dos quatro últimos anos de sua vida. Doente gravemente sonhava ainda trabalhar por suas missões fernandianas. Notemos apenas “Los Apóstoles de la Guinea”, associação utilíssima por ele fundada; “El Misionero”, que teve no Padre Sacristán um poderoso iniciador, e sua notável colaboração no *Almanaque de las misiones de Fernando Poo* e na folha de propaganda *Los Apóstoles de la Guinea*.

Foi, sem dúvida, um dos mais distintos missionários da Congregação, tanto por suas pregações como por seu notável apostolado na imprensa. –
(“Anales”, 1923, pág. 585 e sgs.)

Padre **RAFAEL FERNANDEZ PALÁCIOS**
(Faleceu no dia 14/09/1926 em Ecija, com 58 anos.)

Foi um dos membros da Primeira Expedição cordimariana chegada ao Brasil em 1895.

Professo em 15 de Agosto de 1894, já ao ano seguinte chegava ao Brasil, fazendo parte da nossa Casa de São Paulo com o cargo de Ministro. Em 1901 foi escolhido pelo Padre R. Genover para acompanhá-lo à fundação de Buenos Aires, ficando desde então na Argentina.

Dotado de incansável zelo, não se resignava ao descanso, mesmo quando, após 25 anos de ministérios na América, se viu obrigado a regressar à Espanha, minada sua saúde pela diabetes.

Em Zafra, primeiro, e, depois, em Ejica passou seus derradeiros anos.

Nesta última Casa, impossibilitado para a vida de pregação, visitava semanalmente todos os colégios de meninos e meninas da povoação, e conseguiu à maravilha entusiasamá-los para nossas Missões de Fernando Poo.

Foi um filho exemplar da Congregação, brilhando por seu zelo e pela assistência esmerada a todos os atos da Comunidade.

Padre **RAIMUNDO GENOVER CARRERAS**
(Faleceu em Vic no dia 20/02/1927, com 74 anos.)

Nasceu em Seviña, Província de Gerona, a 8 de Dezembro de 1853. Aos oito anos de idade já iniciara seus estudos eclesiásticos e aos 11 anos cursava já o 3º ano de latim. Foi durante todos os anos de Seminário o mais exemplar de todos os Estudantes e nas ciências não brilhou menos, pois obteve, durante todos os seus anos de estudo e em todas as matérias a nota de “Meritissimus Maior”.

Sobre sua entrada na Congregação, ele mesmo deixou escrito: “A carta em que me comunicaram minha admissão no Instituto dos Filhos do Coração de Maria, foi escrita no dia 6 de Maio de 1872 pelo Rvmo. Padre Serrat, Secretário da Congregação, e assinada pelo Padre Xifré. Tenho-a guardado todo minha vida e a levo costurada dentro do escapulário, para que me enterrem com ela ao dar sepultura ao meu cadáver. Por isso rogo aos que me assistam naquela hora, que me enterrem com o escapulário posto”.

Admirável exemplo de amor à vocação que recorda São Francisco Xavier levando sempre ao pescoço a fórmula de sua profissão e a assinatura do Superior, Padre Inácio de Loiola.

Terminando o ano de Noviciado, professou no dia 16 de Julho de 1873, sendo logo nomeado professor de latim dos primeiros postulantes da Congregação e teve que esperar três anos para receber o Prebisterato, por falta de idade, ordenando-se com 22 anos e meio.

Naquela época aparecia já verdadeiro modelo de observância regular, silencioso, piedoso, obediente, humilde, fazendo-se presentir o custódio (Proteção) vigilantíssimo e inflexível da observância regular.

Ordenado sacerdote em 1876, permaneceu na Espanha até 1895, tendo sido várias vezes Superior e dedicado-se sobretudo à pregação de Missões, figurando com honra e destaque entre nossos mais insignes Missionários, herdeiros imediatos de nosso Santo Fundador.

Em 1895, foi designado para Superior da Primeira Expedição de Missionários ao Brasil, novo e dilatado campo que se abria ao zelo de nossa Congregação. Conta-se que, numa ocasião, o Rvmo. Padre Xifré ou M. R. Padre Serrat disse ao Exmo. D. Arcoverde: "Enviamos a V. Excia., para Superior da fundação de São Paulo, um Padre adornado de um espírito muito semelhante ao de São Francisco Xavier".

Uma vez no Brasil, dedicou-se com toda a robustez de seu espírito apostólico aos ministérios, sobretudo às missões, indo à frente de todos com seu exemplo e procurando, além disso, estabelecer em bases sólidas aquela promissora fundação.

Até 1905 decorrem 10 anos, não diríamos de mais intensos trabalhos, pois o Padre Genover sempre trabalhou intensamente, mas sim claramente fecundos para o desenrolar da Congregação. Como Superior de São Paulo e Visitador do Brasil (1895-1901) fundou a casa de Campinas e deu os primeiros passos para fundar a da Argentina, por ordem do Rvmo. Padre Isaac Burgos, Provincial de Castela, de quem dependiam as fundações americanas. Após o Capítulo Provincial de Castela (1901), foi nomeado Visitador permanente das casas do Chile e do Brasil, levando então a cabo as fundações de Pouso Alegre (Brasil), Buenos Aires, Tucuman, Catamarca, Rosário de Santa Fé (Argentina), Temuco, Coquimbo e Antofagasta (Chile).

Devido a tão notável desenvolvimento, foi em 1904 suprimida a Visitadoria da América e criadas as Províncias do Chile e do Brasil-Argentina e

seus primeiros Superiores eleitos em 1905.

Voltou então o Padre Genover à Espanha, onde por espaço de sete anos figura como Consultor Geral da Província de Castela, dedica-se de cheio à pregação apostólica e empreende, por ordem do Governo Geral, viagens de exploração com o intuito de fundações na Inglaterra, Alemanha, Austria e Dalmácia. Levou seu apoio e orientações a nossos Padres de Portugal, Itália e Fernando Poo.

Em 1912, suprimidos os Consultores Gerais de Províncias, após breve estância em Barcelona como Superior, foi novamente destinado para o Brasil, para onde veio como segundo Superior Quase-Provincial, sucedendo ao saudoso Padre Joaquim Bestué. Durante seu governo, fundam-se as novas casas de Santos, São Vicente e Ribeirão Preto. Em 1918-1920 foi Superior de Santos e em 1920-1922 de São Paulo, cessando neste cargo após o Capítulo Geral de 1922, ao qual assistiu especialmente chamado pelo Governo Geral, apesar de suas humildes resistências. Após o Capítulo, ficou já na Espanha até sua morte, em 20 de Fevereiro de 1927. Foi ainda Superior do “Piso”, em Barcelona, 1922-1925.

Conservou sempre grande amor à Província Brasileira e quando em 1926 celebrou suas bodas de ouro sacerdotais, em carta ao Rvmo. Padre José Domingo manifesta-lhe os desejos de terminar seus dias no Brasil, “porque era sua Província”, como deixou escrito em seus apontamentos; Província do Brasil e incardinado à de Catalunha.

Suas virtudes. – Sobre o fundo de caráter varonil, enérgico, ativo, empreendedor, constante, prudente e equilibrado, brilham suas virtudes religiosas, um pouco austeras, e que em ocasiões talvez o tornaram algo rígido demais com alguns súditos. A laboriosidade era nele quase obsessão, não

perdia um instante, orava muito, pregava, escrevia, estudava ou se dedicava aos trabalhos manuais. Caráter inquebrantável perante dificuldades e perigos e heroicamente paciente e humilde nas contradições domésticas e estranhas, que não lhe faltaram, e mesmo em certas prevenções e desconfianças que N. Senhor permitiu, em alguma ocasião, por parte de seu Superior. Notabilíssimo seu zelo pela salvação das almas, sua vigilância contínua pela observância das Santas Regras, a abnegação de si mesmo, o espírito de austera mortificação de seu corpo (levantava-se sempre às 3 horas, não tomava vinho e servia-se parcamente da carne), sua humildade prática e provada, ocupando do mesmo modo os cargos mais relevantes ou os que o deixaram em segunda linha.

Ao comemorar seus 50 anos de existência, a Província Brasileira considera certamente como o mais fúlgido brilhante de sua coroa o extraordinário Padre Raimundo Genover, coluna incombustível (Inquebrantável) de observância, sacerdote modelo e exemplar missionário, apóstolo infatigável que não cessou um instante, no espaço de 55 anos, de trabalhar pela glória de Deus, bem das almas e prestígio de sua amada Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria.

(“A.C., 1927, pág. 551 e sgs.)

Padre JOÃO SADURNÍ MERCADER

(Faleceu em Gerona no dia 03/08/1927, com 50 anos.)

Terminados seus quatros anos de Humanidades no Colégio São José de Vic ingressava com mais dois condiscípulos em nosso Noviciado de Cervera, onde professou a 15 de Agosto de 1896.

No Seminário e nos colégios da Congregação foi modelo de piedade, sendo visto muito frequentemente junto ao Sácario e aos pés da imagem do Coração de Maria. Cultivou com esforço suas qualidades naturais e soube aliar a essas duas virtudes notável espírito de sacrifício e condescendência para com os demais.

Ordenado sacerdote com tão boas disposições, veio cheio de verdadeiro espírito missionário ao Brasil em 1905. Após curta permanência em Campinas, foi designado, juntamente com o Padre Geraldo Palomera, para iniciar a fundação de Curitiba, chegou em Outubro do mesmo ano de 1905.

Nesta casa exercitou durante longos anos seu zelo, em meio a tantos sacrifícios que passaram nossos primeiros Padres nos ministérios humildes, cansativos e desagradáveis à natureza, sem brilho algum, que se ofereciam como campo obrigado, verdadeira pedra de toque para o coração missionário. E o Padre Sadurní, como o confessam todos, sempre se deu com toda a alma, a essa vida abnegada, na visita às paróquias imensas de Tamandaré, Assunguí e Votuverava, apesar de suas não repreensíveis repugnâncias aos ministérios paroquiais.

Não só em Curitiba, mas ainda em Pouso Alegre, Ribeirão Preto e Bahia, o Padre Sadurní destacava-se como um dos missionários mais zelosos, sacrificados, piedosos e sempre alegre. Sabia juntar à sua atividade o amor exemplar pela vida da cela. Desejava não ocupar cargos para viver a vida

intensa dos ministérios e a não menos árdua e laboriosa da observância, do trabalho e recolhimento em casa.

Em 1916, como Superior da Bahia, sofreu a penosa impressão de ver morrer ao seu lado, em pleno campo de missões, vítima em quatro dias de terrível erisipela, o zeloso jovem missionário Padre Torrentá. Sua natureza talvez predisposta, cansada além disso com tantas fadigas de viagens penosas e pesados ministérios, além de outros sofrimentos morais, não pode resistir àquela impressão, e manifestou-se, desde então, em nosso Padre João Sadurní uma depressão nervosa que o acompanhou até o fim de seus dias.

Renunciou então ao seu superiorato, mas aparece ainda até 1922, em nossas casas de Campinas e São Paulo, trabalhando tudo que lhe permitiam suas forças, quando em 1921 percorreu, delegado por D. João Braga, Bispo de Curitiba, nossas extensas paróquias, em verdadeira missão com outro Padre, administrando 3.500 confirmações e legitimando 50 casamentos.

Enamorado da cruz, aproveitou as amarguras que lhe ocasionava seu estado de saúde, para unir-se mais com Nosso Senhor e deixou escrito: "Não buscarei jamais o consolo das criaturas nos homens, meu Jesus amoroso, vós sois toda a minha consolação, não quero outra". Em 1922, os Superiores enviavam-no de regresso à Espanha, esperando que a mudança de ambiente lhe devolvesse completamente a normalidade nervosa. Ministro local em Tarragona, Selva del Campo e destinado finalmente à recém-fundada Gerona, tomou parte em várias missões e exercícios espirituais, com notável aceitação e proveito de todos.

Vítima de um ataque de apoplexia, em vésperas de sair a pregar os Exercícios Espirituais a uma Comunidade de Irmãos Maristas, falecia após dez dias de sofrimento, rodeado de seus irmãos de Comunidade. Quem conheceu a

fundo seu coração, pode escrever dele: “Foi homem de oração e piedade, zeloso até o sacrifício, amante da regularidade . . . sincero devoto do Rosário, desde a infância (cujas três partes rezava diariamente), mereceu não lhe faltar o amparo da Santíssima Virgem. Persuadido por favor do céu de que era dos que caem de repente, resolveu fazer a confissão semanal como a última e diariamente na santa Missa administrava-se o viático”. Todos que o conheceram, julgaram-no piedoso, observante, zeloso e sacrificado.

(A.C., 1938, pág. 575 e ss., 586-599.)

Padre MIGUEL AINETO RIOS

(Faleceu em Chscomús, Argentina, no dia 21/06/1935, com 84 anos de idade.)

Deste insigne missionário do Coração de Maria, que depois de ter santificado por breves anos nossa Província Brasileira, foi constituir o maior timbre de glória da Província irmã, a Argentina, transcrevemos apenas o parecer valioso que sobre ele deixaram filhos ilustres da Congregação.

Depõe o veterano missionário do Chile, Padre Vitor Martínez: “ Faz 50 anos que o conheci em Alagón, já como missionário, em companhia do Padre Miró, já como professor de toda sorte de assinaturas . . . Sempre o mesmo, sumamente ativo, tenaz, zeloso e sobretudo, humilde e mortificado. No colégio tinha fama mais do que tudo destas duas últimas virtudes. Tornei a vê-lo (tinham-se passado 35 anos) em Catamarca; era o mesmo de sempre . . . Ditoso dele que já recebeu o prêmio de suas virtudes e ditosa a Província Argentina que por tantos anos se viu sustentada por essa coluna de observância religiosa”.

Testemunha o falecido Bispo do Tocantins, D. Florentino Simón: “Tive o prazer de tratar com certa intimidade com o nosso finado Padre, e posso afirmar dele, sem temor algum, que era um santo. Ao meu juízo as virtudes que sobressaíam nele, eram a humildade, a caridade, a simplicidade e o amor à observância de nossas santas Constituições, junto com grande amor ao trabalho. Nos tempos floridos do Grande Geral, Rvmo. Padre José Xifré, sabe-se que, principalmente os Padres jovens não podiam sair a pregar sem um companheiro; e em Santo Domingo de la Calzada passei meus anos juvenis de sacerdote, pregando em quase todas as povoações dos arredores. Várias vezes

me acompanhou o Padre Aineto e pude observar, com que humildade ajudava as missas cantadas, enquanto aquele juvenzinho (agora de 67 anos) panegirizava as glórias da Santíssima Virgem e dos Santos; dando-me sempre a preferência, como se ele nada valesse, sendo que a todos nos podia dar mil voltas”.

Leiamos o parecer do Padre Mariano Fernandez: “Fomos com professores em Alagón, nos anos 1889 a 1990 a 1991. Neste lapso de tempo admirei nele o **religioso perfeito** e o **professor modelo**. Como **professor** posso afirmar que fazia seus alunos tirarem todo o proveito possível. Como **religioso** já disse e não tenho que retificar, que era **perfeito**. Se alguém não peca com a língua, disse São Tiago, esse é varão perfeito. O o Padre Aineto era cuidadoso neste ponto, jamais o ouviram murmurar, nem censurar a ninguém.

Não me lembro que o visse quebrar a mais mínima regra e, em troca, todos admirávamos nele um belo conjunto de virtudes. Em qual delas sobressaía? Posso dizer que em nenhuma, porque se distinguia em todas. Particularmente me chamava a atenção sua humildade, pois tendo tão vastos conhecimentos, passou anos e anos escondido no colégio, ensinando gramática, mais contente que se tivesse ao seu cargo a cátedra de Teologia . . .
“

No Brasil estive de Setembro de 1901 até Agosto de 1905, desse lapso de tempo, escreve o Rvmo. Padre Pujol: “Pedidas as informações aos Padres mais antigos desta Província, formulo em síntese estas conclusões : . . . tanto em sua vida, como em sua atuação ministerial, foi um missionário modelo, muito observante, diligente e sempre querido, tendo dado contínuas provas de sua abnegação e zelo apostólico. Brilhou enfim como esses religiosos ideais que, sem inquietar a ninguém nem buscar glórias vãs, parece que não ocupam

lugar em nossas comunidades, e que saem airosos em tudo o que a obediência lhes põe nas mãos”.

Feçamos brilhantemente esta coroa de testemunhos com o parecer autorizado do Rvmo. Padre Nicolau Garcia: “Conheci-o sendo ainda eu noviço; depois sendo estudante filósofo e teólogo e logo Padre jovem. Posso dizer dele que nunca lhe observei a menor falta; creio que em termos disciplinares era um **perfeito modelo de religioso**. Seus conhecimentos literários e de Ciências Eclesiásticas eram proverbiais. Contava-se que todos os anos repassava todas as matérias da carreira e que estava pronto a tomar conta de qualquer cadeira de improviso. . . Como homem de governo, sempre entendi que foi uma providência para essa querida Província. Apesar dos grandes méritos contraídos na Congregação e de seus dotes excepcionais, era modestíssimo; quero dizer, profundamente humilde, no exterior talvez até ao exagero. Não duvido que era o espírito de Deus que o movia. Tinha motivo para proceder comigo com certa liberdade e autoridade, foi meu confessor, meu professor, meu diretor nos primeiros passos do ministério, sua idade o autorizava, mas sempre me tratou com um respeito, uma atenção e humildade tais que me confundiam. Para mim o Padre Aineo foi **autêntico Filho do Coração de Maria**: fervoroso, ativo, humilde e abnegado. Deus lhe terá dado a coroa que de justiça ganhou”.

(A.C., 1936, pág. 421 e sgs.)

Padre MANOEL MARTIM CARAZO

(Faleceu no dia 07/12/1935 em Vila de Rosário, Argentina, com 63 anos.)

Foi ordenado sacerdote a 13 de Setembro de 1896. Após dois anos de permanência em Alagón, veio destinado às terras americanas.

Mal chegado ao Brasil foi nomeado Consultor e Ministro local de São Paulo; em 1905 foi destinado a Pouso Alegre como Superior Local. Terminado o triênio em Pouso Alegre, foi eleito Consultor Quase-Provincial do Brasil e Superior de São Paulo de 1908 a 1911, ano em que passou à casa de Buenos Aires como pregador. Sempre e em todas as partes gozou merecidamente a confiança dos Superiores Maiores. Se de seu espírito devemos dizer alguma coisa poderiam destacar-se seus dois amores: a) **Seu amor à vocação**, cristalizado no entusiasmo com que falava da Mãe - a Congregação - de suas empresas e DO porvir. Era muito brioso no desempenho dos ministérios, sobretudo, da pregação na qual alcançou fama de orador sagrado, sem omitir nunca a preparação imediata a fim de deixar bem o nome da Congregação. Era notável também o amor pelas coisas do Instituto, como o manifestou em sua atuação como administrador da "Ave Maria" no Brasil e de "El Im. Corazón de Maria" em Buenos Aires. b) **Seu amor à observância**, sintetizado na pontualidade e no amor à cela. Era modelo de pontualidade aos atos da regra, sendo sempre o primeiro, mesmo tendo que interromper, com boas maneiras, a conservação com outros. Ia ao par seu amor à cela, na qual quase sempre era encontrado, tanto quando Superior como quando súdito, e mesmo nos anos de maior atividade ministerial, pois logo que voltava à casa, fechava-se no quarto com seus livros e escritos.

Amante do sacrifício, como muitos puderam constatar. Talvez por levar mais além o que devia esse espírito de mortificação, não quis dar importância ao seu estado de saúde e pretendeu retardar a visita do médico, chegando este só a tempo de comprovar sua inesperada morte.

(A.C., 1936, págs. 564-568.)